

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - JORNALISMO**

**O DIA QUE NÃO TINHA VENTO NÃO SE OUVIA RÁDIO
AS POSSIBILIDADES DA BIOGRAFIA DE CURTA-DURAÇÃO EM ESTILO
JORNALISMO LITERÁRIO DO PROGRAMA MENSAGEIRO RURAL, DO
ALEGRETE**

PROJETO EXPERIMENTAL

Kelem Freitas Duarte

Santa Maria, RS, Brasil

2015

**O DIA QUE NÃO TINHA VENTO NÃO SE OUVIA RÁDIO
AS POSSIBILIDADES DA BIOGRAFIA DE CURTA-DURAÇÃO EM ESTILO
JORNALISMO LITERÁRIO DO PROGRAMA MENSAGEIRO RURAL, DO
ALEGRETE**

Kelem Freitas Duarte

Projeto Experimental apresentado ao Curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo.

ORIENTADOR: Prof. Paulo Roberto de Oliveira Araujo

Santa Maria, RS, Brasil
2015

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL - JORNALISMO**

KELEM FREITAS DUARTE

**O DIA QUE NÃO TINHA VENTO NÃO SE OUVIA RÁDIO
AS POSSIBILIDADES DA BIOGRAFIA DE CURTA-DURAÇÃO EM ESTILO
JORNALISMO LITERÁRIO DO PROGRAMA MENSAGEIRO RURAL DO
ALEGRETE**

Projeto Experimental apresentado ao Curso de Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social – Jornalismo.

A Comissão, abaixo assinada, aprova o Projeto Experimental.

Prof. Paulo Roberto de Oliveira Araujo (Orientador/UFSM)

Mestrando Marlon Santa Maria Dias (UFSM)

Mestrando Bibiano da Silva Girardi (UFSM)

Santa Maria, RS, Brasil

2015

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer, primeiro, a Deus e ao Universo por me proporcionarem esta enriquecedora experiência. Continuem iluminando meus caminhos.

À minha mãe, companheira, protetora, fonte, revisora, esteve ao meu lado durante esses quatro anos de faculdade. Tenho muito orgulho por ter que aprendido muito contigo, obrigada por tudo!

Ao meu pai, amigo, compreensivo, jamais esqueço da tua frase: Sejas sempre calma, tranquila e equilibrada. Mesmo estando há 300 km, foi assessor, produtor, marcou várias entrevistas, enfim contribuiu muito para que este trabalho fosse realizado. Muito obrigada!

As amiguinhas gralhas que me acompanham desde a pré-escola, e também as amigas que fiz durante o curso. Enfim, a todas as amizades agradeço muito, levarei cada um de vocês em meu coração. Obrigada por escutarem os meus lamentos, desesperos, crises e também por estar junto comigo nos momentos em que precisei.

Ao pessoal de Alegrete: fontes, apresentadores do Mensageiro, às responsáveis pelo Arquivo Histórico Municipal, e principalmente minha família por colaborarem com esta pesquisa.

Agradeço ao amigo e orientador, Paulo Roberto, pelos cafés, conversas e todo o conhecimento que passaste durante o ano.

Obrigada a todas as pessoas que mesmo indiretamente foram essenciais a realização desse trabalho!

Um homem que tem algo a dizer e não tem ouvintes está em má situação, mas estão em pior situação ainda os ouvintes que não encontram quem tenha algo para lhes dizer.

Bertoldo Brecht - Radiotheorie

O rádio, como toda a produção humana, espelha o seu tempo.

Luiz Artur Ferrareto

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL – JORNALISMO**

Título: O dia que não tinha vento não se ouvia rádio: As possibilidades da biografia de curta-duração em estilo Jornalismo Literário do programa Mensageiro Rural, do Alegrete

Autor: Kelem Freitas Duarte

Orientador: Prof. Paulo Roberto de Oliveira Araujo

RESUMO

O projeto experimental consiste na construção da biografia de curta-duração do programa Mensageiro Rural, que há 68 anos é veiculado, de segunda a sábado, pelas ondas sonoras da rádio Alegrete. O estilo Jornalismo Literário foi escolhido por primar pela humanização dos relatos, além de utilizar recursos da literatura na escrita jornalística; Ao traçar o perfil de um programa de rádio, contrapõe-se à premissa de Vilas Boas (2008) ao afirmar que perfis são somente de pessoas. Através da ênfase às pessoas que compõem a trajetória do programa desde a criação, a rotina diária dos apresentadores, até a forma como é apresentado ainda hoje, foi possível a realização desse trabalho intitulado *O dia que não tinha vento não se ouvia rádio*.

Palavras-Chaves: Jornalismo Literário; Perfil; Biografia de curta-duração; Rádio; Rio Grande do Sul;

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL –JORNALISMO**

Title: *When there was not wind people did not listen to radio*: The possibilities of short-term biography in Literary Journalism of the radio program *Mensageiro Rural* from Alegrete
Author: Kelem Freitas Duarte
Advisor: Prof. Paulo Roberto de Oliveira Araujo

ABSTRACT

The experimental Project consists in the construction of the short-term biography of *Mensageiro Rural* radio program, which has been on air for sixty eight years, from Monday to Saturday in the radio Alegrete. The Literary Journalism style was chosen because it aims the humanization of stories besides using literary resource in the journalistic writing. While writing the profile of a radio program, the objective is contrary to Vilas Boas (2008) when he affirms that profiles are only about people. Through the emphasis to these people who participate in the development of the program, since the beginning, from the daily routine of presenters, until the way it is still presented nowadays, it was possible to perform the project *When there was not wind people did not listen to radio*.

Keywords: Journalism Literary; Profile; Short-term biography; Radio; Rio Grande do Sul.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 JORNALISMO E LITERATURA: UM ROMANCE ANTIGO	11
1.1 O MERGULHO NAS VIDAS: A PRÁTICA.....	15
1.2 A LITERATURA EMPRESTA O JEITO DE CONTAR HISTÓRIAS	16
1.3 O JORNALISMO LITERÁRIO APORTA NO BRASIL	17
2 GÊNEROS QUE HUMANIZAM O RELATO	20
2.1 REPORTAGEM: UM GÊNERO JORNALÍSTICO PRIVILEGIADO	21
2.2 BIOGRAFIA DE CURTA-DURAÇÃO, LÊ-SE PERFIL.....	23
3 O MEIO DE COMUNICAÇÃO QUE APROXIMA	25
3.1 DOS PRIMEIROS APARELHOS RADIOFÔNICOS AO TRANSISTOR	26
3.2 DOS ALTO-FALANTES ÀS EMISSORAS REUNIDAS	29
3.3 O VEÍCULO QUE MOBILIZA	30
4 PRODUTO EXPERIMENTAL	33
4.1 O DIA QUE NÃO TINHA VENTO NÃO SE OUVIA RÁDIO.....	33
5 ANÁLISE DO PRODUTO	62
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	70
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	71

INTRODUÇÃO

Neste projeto experimental foi construída a biografia de curta-duração do Programa Mensageiro Rural, veiculado há 68 anos de segunda a sábado pelas ondas sonoras da rádio Alegrete. Para narrar as histórias de ouvintes e apresentadores ao longo desses anos, o estilo Jornalismo Literário foi escolhido, por primar pela humanização dos relatos. Ao mesclar recursos da literatura nas narrativas jornalísticas, como pontua Edvaldo Pereira Lima (2014), o estilo consiste em contar histórias humanizadas, nas quais o escritor tem cuidado em retratar e iluminar as coisas mais comuns do cotidiano, nesse caso uma produção sonora. Para traçar o perfil do programa de rádio procuro enfatizar as pessoas que compõem a trajetória do Mensageiro desde sua criação até a forma como é apresentado ainda hoje.

A Rádio Alegrete é a mais antiga do município de Alegrete, fundada em 1947, tem sua programação voltada para diversos segmentos da sociedade. Dentro de sua programação está o Mensageiro Rural, sua característica principal é a transmissão de “avisos”, entre eles convites de festas, bailes, casamentos, obituários, batizados, visitas. O seu conteúdo é diversificado e traz as principais informações sobre a cidade e o campo, destinado para o público tanto urbano quanto rural. O programa é veiculado até hoje, com algumas modificações, mas mantém o seu caráter de informar os moradores sobre o que acontecerá na cidade a fim de convidar os ouvintes para determinada ocasião.

O hábito de ouvir o rádio todas as manhãs e no horário do almoço foi naturalizado pelos moradores da região da fronteira oeste do RS. A necessidade de saber o que está acontecendo ao seu redor é um costume da maioria dos habitantes. Por exemplo, os convites, quem estava para chegar na campanha, alguém que estava doente, ou outro que já havia melhorado, são situações comumente presentes nos avisos do programa Mensageiro Rural. As notícias e os comunicados em sua maioria trazem o nome das pessoas, e, por ser uma cidade de interior, é muito comum ouvirmos o nome de algum conhecido. Por fazer parte de meu cotidiano, como natural da cidade de Alegrete, tive a motivação de fazer um trabalho que trouxesse à tona essa temática relacionando o rádio com a vida do fronteiriço. Principalmente, há a necessidade de registrar todas essas histórias que estão presentes na vida desses moradores, a melhor forma encontrada de realizar esse registro foi o estilo jornalismo literário.

As histórias que envolvem o programa como os avisos de encomendas enviadas da cidade, ou alguém que estava chegando e era para esperar na porteira, são fatos que pouco ouvimos falar nas grandes cidades. Por esse motivo, acredito ser importante pesquisar sobre esse tema,

reunir os depoimentos em uma biografia de curta-duração, para que sirvam como memória escrita de um programa que é tão recorrente para as pessoas que moram lá. Mas por outro lado, ainda bastante desconhecido para tantas outras pessoas.

Através da elaboração do trabalho, com a coleta de dados, e entrevistas com ouvintes, resgato histórias que foram difundidas pelas ondas sonoras do rádio. Além disso, os estudos dentro da área de rádio e jornalismo no meio rural pode-se notar que a maioria não tem a preocupação em trazer o relato dos ouvintes, as suas afinidades e relações com os programas de rádio. A curiosidade sobre a história do programa e as relações dos ouvintes com ele, se tornou a principal motivação desta pesquisa.

No primeiro capítulo, *Jornalismo e Literatura: um romance antigo* faz-se uma reflexão sobre a importância dos anos 1960 na definição de um novo modo de fazer jornalismo, que rompe a lógica das rotinas diárias e regras impostas pelo lead. O *New Journalism*, uma corrente impulsionada por jornalistas adeptos do jeito menos usual de escrita jornalística passou a fazer parte das principais revistas e periódicos norte-americanos, e aos poucos ganha seguidores pelo mundo. Além disso, é abordado como esse movimento influenciou no que mais tarde ficou conhecido como estilo Jornalismo Literário, e a apropriação de recursos da literatura, apontados por Wolfe (2005): a construção do texto cena-a-cena, a troca de foco narrativo, a descrição de ambientes e personagens e o uso de diálogos nas produções jornalísticas.

No segundo capítulo, *Gêneros que humanizam o relato* são explorados os gêneros jornalísticos que tem por função aprofundar determinados assuntos que fazem parte do cotidiano. Ao invés de simplesmente anunciar um fato através da notícia, o produto básico do jornalismo, a reportagem, o perfil ou biografia de curta-duração, do original *short-form biography* (WEINBERG, 1992), cada um com sua respectiva particularidade, ampliam determinado fato. Além de trazer a figura humana como protagonistas ao narrar às histórias a partir de diversos ângulos. Através dessa explanação é possível entender por que utilizar esses formatos é importante para a prática do Jornalismo Literário.

O desenvolvimento do rádio enquanto veículo de comunicação como conhecemos hoje, é tema do terceiro capítulo, intitulado *O meio de comunicação que aproxima*. É traçado um histórico das transmissões sonoras desde os experimentos do padre gaúcho Landell de Moura, o momento em que o rádio torna-se mais próximo do ouvinte com a criação do transistor, até a conquista de autonomia dos radialistas com a criação da ABERT. O desenvolvimento da radiodifusão sonora, principalmente no Rio Grande do Sul, se destaca

nesta parte do trabalho, pelo fato do projeto experimental retratar um dos programas mais antigos do rádio no interior do estado.

O resultado desse projeto experimental, a biografia de curta-duração intitulada *O dia que não tinha vento não se ouvia rádio*, é apresentada no capítulo quatro.

Ao final deste trabalho, realiza-se a reflexão a respeito do desenvolvimento do produto, através da análise sobre todas as etapas de realização, desde a pesquisa inicial realizada no Arquivo Histórico Municipal de Alegrete, o encontro com as fontes, até o momento de escrita. Desta maneira é possível refletir sobre as possibilidades de realização de um perfil, ou biografia de curta-duração de um programa de rádio em estilo Jornalismo Literário.

1 JORNALISMO E LITERATURA: UM ROMANCE ANTIGO

A vertente do jornalismo literário inicia de um romance entre a literatura e o jornalismo. A sua história merece ser contada, e data de muito tempo atrás, mas comecemos pelo período de sua maior notabilidade.

A década de 1960 foi um momento importante para a sociedade norte-americana, acostumada às árduas rotinas das fábricas, pois tudo girava em torno da lógica industrial. Os Estados Unidos, um país que se tornou potência econômica no século XX exportou seu modelo imperialista para o resto do mundo ocidental. A partir disso, a sociedade desperta para os problemas sociais existentes, e a Guerra travada contra o Vietnã, de 1959 a 1975, por exemplo, serviu como alerta para as injustiças que aconteciam com frequência. Enquanto milhares de soldados e civis morriam, o governo insistia em continuar com o conflito. A partir desse momento, os movimentos sociais passam a lutar por liberdade e democracia, e se articulam para que suas demandas fossem atendidas. Além do incentivo que o governo dava aos conflitos militares, tudo era comandado pelas grandes empresas em ritmo frenético, nas quais imperava a rotina industrial desordenada e exploratória.

O campo das artes, como um todo, também sofre mudanças nesse tempo, o cinema já se preocupa em retratar esse cotidiano: em *Tempos Modernos* (1936) filme de Charles Chaplin, seu famoso personagem vagabundo, tenta sobreviver em meio ao mundo moderno e industrializado. A clássica cena dos proletários de uma fábrica repetindo movimentos ordenados e apenas os interrompendo ao som da sirene é uma forte crítica ao modelo de sociedade industrial, que nos anos 1960 passa a ser revista. Esse período ficou marcado através do *boom* das drogas, rock'n roll, geração Piece and Love e também do movimento hippie. Houve uma transformação no modo de vida americano, dando origem à contracultura, e às tendências que se propagaram pela América e Europa.

Em meio a este cenário, o jornalismo tradicional, conhecido como modelo norte-americano, padronizado e caracterizado pelo lead e rotinas diárias exaustivas aos poucos é contraposto pela construção de um jeito diferente de escrever, com abordagem mais humana. Não obedecia apenas às questões básicas do lead, “*que?*”, “*quem?*”, “*onde?*” e “*quando?*”, mas tendo como enfoque o “*por quê?*” e o “*como?*” desses fatos corriqueiros.

Essa tendência, segundo Bulhões (2007) afrontou os limites do fazer jornalístico, e foi possível graças ao espírito transgressor dos anos 1960. O autor também atenta para uma

questão importante no nascimento de um modo diferente de jornalismo, pois surgiu “exatamente nos Estados Unidos, o país de onde provieram as maiores exigências de um jornalismo objetivo, ágil e pragmático.” (BULHÕES, 2007, p.146).

Esse tipo de jornalismo com diferentes formas de narrar os fatos, uma modalidade pouco explorada pela imprensa formal, mais tarde passa a ser conhecido como Jornalismo Literário, simboliza a união de jornalismo e literatura, um casamento antigo que vem desde o Romance Realista, no século XIX.

O estilo europeu, oriundo da França, até a metade do século XIX, era o modelo de jornalismo vigente na maioria dos países, a forma de escrever seguia um padrão que dialogava muito com o literário, havia uma preocupação estilística com a forma de escrever.

Entretanto, a partir de 1950 o estilo *hard news* e o *lead* passam a ser adotados pela imprensa no Brasil. O modelo francês, então, é suplantado pelo norte-americano, jornalistas literários da época, que mais tarde fazem parte do *New Journalism*, buscam voltar a essas origens e, de algum modo, também inovar a partir disso. Tinham o objetivo de quebrar com as narrativas padronizadas e superficiais, e trazer para as suas narrativas recursos literários: diálogos, descrições de lugares, cores, vestuários, e sons do cenário em que se passava o fato, com o propósito de tornar o texto mais rico em detalhes.

Na vida real, os lugares onde as coisas acontecem têm cheiro. As pessoas e os objetos têm formas e tamanhos. Têm cores. Os ambientes geralmente têm sons. As pessoas falam alto ou baixo, há ruídos em torno, barulhos distante podem chegar até o local. Tudo isso apela para os sentidos humanos. (LIMA, 2010, p.15)

A reportagem jornalística ganhava dimensão estética e suscitava novos questionamentos acerca dos conceitos de objetividade e subjetividade, bem como das fronteiras entre ficção e realidade. Um dos trabalhos mais notáveis no estilo jornalismo literário é o de Gay Talese que escreve *Frank Sinatra has a cold*, em 1966. Um perfil traçado apenas a partir dos depoimentos de personagens próximos ao cantor, já que Talese não conseguiu entrevistá-lo. A linguagem do autor anuncia um novo jornalismo, que encontrava muitos adeptos. Escritores como Jimmy Breslin, Tom Wolfe, Norman Mailer e tantos outros vinham adotando esse modelo menos usual de escrita jornalística em periódicos e principalmente nas revistas *The New Yorker* e *Esquire*.

Em 1973, Tom Wolfe escreveu o ensaio intitulado *The New Journalism*, que trata sobre a “corrente” e não movimento (WOLFE, 2005, p.53) e o intuito de inovar na forma de fazer jornalismo, tanto nos métodos de apuração quanto à escrita da reportagem. Mesmo

sendo marcante na história do Jornalismo Literário, Wolfe não é considerado o primeiro a publicar nesse estilo, no entanto, sua contribuição se dá através do ensaio sobre o *New Journalism*, o primeiro que sistematiza as características particulares desse modo de escrita. A vertente foi importante para a definição do que mais tarde foi chamado de Jornalismo Literário.

Duvido que muitos dos que irei citar neste trabalho tenham se aproximado do jornalismo com a menor intenção de criar um novo jornalismo, um jornalismo melhor, ou uma variedade ligeiramente evoluída. Sei que jamais sonharam que nada do que escrevessem para jornais e revistas fosse causar tal estrago no mundo literário... provocar pânico, roubar da novela o trono de maior dos gêneros literários...(WOLFE,1976, p.9)

O estilo tem tradição nos Estados Unidos, onde foi exercido com mais influência, porém, desde o século XIX, esteve presente na América Latina. Na Argentina em 1957, muito antes do ensaio *New Journalism*, Rodolfo Walsh publica a obra *Operação Massacre*. Resultado de investigação sobre o fuzilamento de militantes contra o governo. Walsh reconstitui o percurso que os prisioneiros seguiram na noite dos assassinatos e, utiliza características do Jornalismo Literário como diálogos, contraposição de pontos de vista e outros recursos emprestados da ficção. A Colômbia também produziu este gênero em jornais, revistas, e livros-reportagens. Na Europa esteve presente em veículos como o *El País*, na Espanha, e na Inglaterra, com reportagens no *The Guardian*.

A origem do jornalismo literário não tem data exata, pois foi construído aos poucos e remodelado a cada página publicada. No século XX, vários escritores vinham mesclando literatura e jornalismo, como John Hersey, que também antes do manifesto de Wolfe, escreveu Hiroshima em 1946. Publicada inicialmente na *The New Yorker* a reportagem ocupou toda a edição da revista. O objetivo do autor era descrever a tragédia da bomba atômica através do ponto de vista de seis sobreviventes. Hersey utilizou-se de recursos da literatura, como a descrição, o uso de diálogos, e a construção de personagens. Dessa forma a reportagem utiliza uma “linguagem romanceada para escrever um livro jornalístico” (PENA, 2011), é escrita para ser lida como um romance.

Seguindo o mesmo estilo, Truman Capote, escritor americano que já havia escrito vários romances como a novela *Bonequinha de Luxo* (1958) que foi estrelado no cinema por Audrey Hepburn em 1961, é notabilizado no Jornalismo Literário. Em *A Sangue Frio* (1966), uma de suas produções mais famosas, traz com precisão a descrição das cenas que se desenrolam ao investigar o assassinato de uma família no interior dos EUA. Capote classifica

a obra como romance de não-ficção, e não uma produção jornalística, o escritor não gostaria ter seu trabalho vinculado ao jornalismo, pois o mundo das letras subestimava a profissão. Mesmo assim, a obra é importante para o Jornalismo Literário por apresentar características da literatura somadas a apuração jornalística.

Os movimentos literários servem ao jornalismo e vice-versa como fonte de inspiração e de estilo. O Romance foi incorporado pelos jornalistas e trazido para as reportagens. Inicialmente associado à frivolidade e inverossimilhança, se transforma no século XIX em gênero ocupado com a concretude social e com o tempo em que ele é produzido (BULHÕES, 2007).

O Realismo Social, a partir de então, se volta para a tendência de análise da realidade social e crítica lançada ao comportamento humano. A Era de Balzac com o romance do cotidiano, apresenta descrições de objetos que simbolizam as características do personagem. Outros autores como Dickens, Flaubert, Zola e Eça de Queirós, marcam o movimento literário por adotarem uma postura documental ou fotográfica da realidade e a retratação rigorosa dos ambientes sociais. Da mesma maneira, o Romance Naturalista tinha como foco a experiência empírica do escritor, que deve estar presente no local que posteriormente seria narrado em suas histórias.

Em tudo isso há algo de jornalístico, nesse momento (século XIX), influencia do positivismo de Comte, a imprensa passava por transformação, a passagem de um jornalismo de propagação ideológica para um que busca a captação do flagrante da vida empírica. (BULHÕES, 2007, p.69- 70)

Contudo, não podemos esquecer que a ficção, não esteve completamente ausente nas páginas dos jornais do século XIX. Portanto, a Literatura também se apropriou dos meios de comunicação e, principalmente do Jornalismo para a sua popularização. Como é o caso, do fenômeno do folhetim, ou romance de massa (BULHÕES, 2007, p.25), escrito para ser publicado em periódicos. Eram novelas fragmentadas em capítulos, a cada edição do jornal aparecia um trecho da história que se desenrolava no próximo exemplar. Dessa maneira foi importante também para manter a fidelidade dos leitores, que esperavam até a próxima edição para ler o final da sua novela favorita.

1.1 O MERGULHO NAS VIDAS: A PRÁTICA

Obituários, assassinatos, crimes a serem desvendados, a vida de trabalhadores comuns realizando tarefas rotineiras: todas essas situações serviram de temática aos precursores do *New Journalism*. O objetivo era trazer um olhar ampliado das questões sociais que estavam presentes no cotidiano, porém pouco exploradas pelos jornais diários. É o caso dos textos publicados na seção de obituários do *The New York Times*, reunido e publicado em *O Livro das Vidas* (2008). São histórias de pessoas comuns e personalidades públicas, cujas vidas ganham outra dimensão ao serem descritas de maneira mais humana. Simples obituários são transformados narrativas que fazem homenagem à vida das pessoas.

Através de um olhar e tratamento diferenciado sobre os fatos corriqueiros, o estilo Jornalismo Literário tem como papel “iluminar essa percepção ampliada, que geralmente perdemos, no mundo agitado de nossos dias.” (LIMA, 2010, p. 28) A prática do estilo tem como característica o aprofundamento nas temáticas abordadas.

Desde a fase da definição da pauta, passando pela apuração dos fatos o repórter mergulha na vida dos entrevistados passando dias e até meses ao lado de suas fontes, a fim de entender sua rotina, seus gostos, gestos e comportamento.

A revista Biblioteca Entre Livros, editada no Brasil, na edição especial nº 11 publicada em 2008, discute aspectos do Jornalismo Literário, como por exemplo, a questão da falta de espaço desse tipo de escrita no modo de vida em que a sociedade se encontra.

Talvez pareça deslocado no jornalismo rápido e competitivo de hoje esse tratamento de maior fôlego, abrangente, sobre os acontecimentos. A pressa conspira contra a reflexão e o entendimento do leitor de dispersa numa troca frenética de chamadas, leads, sinopses e infográficos... A leitura mais detida, meditada, está fora de moda em nossa “sociedade do espetáculo”, como a batizou o filósofo francês Guy Debord. (DAMÁZIO, 2008, p.11)

Tal prática, se trazida para a realidade do jornalismo diário, muitas vezes é inviável nas redações das grandes empresas, devido ao custo alto e à falta de profissionais no mercado que se disponha a uma apuração em profundidade.

1.2 A LITERATURA EMPRESTA O JEITO DE CONTAR HISTÓRIAS

Segundo Edvaldo Pereira Lima (2014), o estilo jornalismo literário é usado para contar histórias, o jornalista é o escritor da vida real. Quando vai a campo, sua tarefa primordial é levantar informações e experiências reais para contar histórias mais humanas. O estilo prima pela humanização dos relatos ao “entrar em qualquer assunto através da figura humana, em vez de entrar por números e dados frios.” (LIMA, 2013, p. 24).

Tom Wolfe, em *O Radical Chique e o Novo Jornalismo* (2005), pontua os principais recursos do Jornalismo Literário. A construção do texto cena-a-cena é um deles, situando o leitor a cada passo dado pelo personagem, recorrendo o mínimo possível à simples narrativa histórica, escrita no pretérito. A cena de natureza visual, ao invés de contar diretamente o fato, procura colocar o leitor dentro do acontecimento. (LIMA, 2010, p.15)

Outro recurso apresentado é uso de diálogos para que o leitor tenha a impressão de que a conversa se desenrola entre os personagens. No caso de uma biografia de curta-duração sobre um programa de rádio, por tratar-se de um tema presente na oralidade dos moradores locais, os diálogos são importantes, pois imprimem efeito de aproximação com o real, além de registrar por escrito o que está presente na vida dos entrevistados. Para Wolfe (2005), o diálogo realista envolve o leitor mais que qualquer outro recurso, além de definir o personagem mais depressa, pois, pela maneira do entrevistado se expressar é possível saber mais detalhes sobre a sua personalidade.

O ponto de vista da terceira pessoa - que também pode ser definido como troca de foco narrativo - é outro recurso apontado por Wolfe. Consiste na técnica de apresentar cada cena por intermédio dos olhos de um personagem em particular, “dando ao leitor a sensação de estar dentro da cabeça do personagem.” (WOLFE, 2005, p.54) A troca de foco narrativo dá voz aos personagens, como se fosse num romance.

Wolfe (2005) também cita o registro dos dados, a descrição de gestos, hábitos, maneiras e costumes e outros detalhes simbólicos como parte da narrativa. Através de alguns objetos e disposição dos móveis de uma sala, por exemplo, é possível entender o padrão de comportamento e as poses por meio das quais a pessoa expressa sua posição no mundo, ou o que ela pensa que é seu padrão de vida ou gostaria que fosse. (WOLFE, 2005, p.55). Através do *símbolo do status de vida da pessoa* (LIMA, 2014, p.18), um recurso herdado do Realismo e utilizado por ficcionistas na Europa, como Charles Dickens (1812-1870) e Honoré de

Balzac (1799-1850), em que ao invés de dizer diretamente como é um personagem, o escritor nos coloca dentro dos ambientes que os personagens habitam.

1.3 O JORNALISMO LITERÁRIO APORTA NO BRASIL

No Brasil por volta do século XIX começa a se desenhar a união entre os recursos literários e a apuração jornalística. Euclides da Cunha, escritor e colunista de *O Estado de São Paulo*, vai para o nordeste retratar a Guerra de Canudos (1896-1897) no interior da Bahia. O que mais tarde, em 1902, resultou no livro *Os Sertões*. A partir daí, nota-se a preocupação dos escritores em relatar os personagens que habitam cada lugar do país, com seus anseios, ideais, lutas, rostos, raças, as histórias que ninguém contava. Quase um século depois, em 2000 é lançada a obra *Canudos: diário de uma expedição* que reúne uma série de reportagens pouco conhecidas, escritas por Euclides na época da publicação de sua obra, a partir das quais é possível avaliar o caminho percorrido pelo escritor. Uma amostra do partido tomado pelas Forças Armadas brasileiras e pelos jornalistas.

Para Costa (2006) a imprensa foi o laboratório de poetas e escritores que migravam para as redações, além de ter sido responsável por ensinar o escritor “a afiar suas armas, transcrever falas e dialetos, manipular ritmos, cortar palavras, dominar a língua, aproximar-se do coloquial, comunicar-se com o leitor.” (COSTA, 2006, P.17)

A partir da década de 1920, o papel do escritor nos jornais mudou, pois ele deixa de ser considerado estrela, e passa a escrever reportagens, entrevistas, editar páginas e, chefiar redações. Nesse período acontece uma transição na imprensa brasileira, há a passagem da fase artesanal para industrial. “O noticiário oscilava entre um diário oficial, uma gazeta literária e uma seção de caricaturas.” (COSTA, 2006, p.18) A alternativa encontrada foi a apostar no jornalismo investigativo e de comportamento, em que crônica e reportagem se misturam.

Para a realização das matérias de cunho investigativo, a figura do repórter flaneur, passa a ser comum nas redações, um tipo de repórter que: “ não possui pauta, é aberto ao acaso, à indeterminação da vida.” (BULHÕES, 2007, p.110) O estilo de jornalismo baseado na investigação e nas andanças do repórter pelas ruas em busca de suas pautas ganha adeptos. João do Rio, segundo Costa (2006) é considerado o primeiro repórter investigativo do Brasil. Em *A alma encantadora das ruas* (1904), e as *As Religiões do Rio*, percorreu as ruas do Rio de Janeiro em busca de assunto para as suas reportagens. O tema das suas obras mais notáveis

é o próprio ato de reportar. Dessa maneira, é instituído no país, um tipo de apuração jornalística que vai até o lugar dos acontecimentos, constituindo a base para o Jornalismo Literário.

Em 1966, as páginas da revista *Realidade* abriam espaço para as grandes reportagens, nas quais os repórteres passavam dias ao lado de suas fontes. O repórter pisava nos lugares, sentia os cheiros de cada ambiente, e só depois tinha experiência suficiente para poder escrever, um exemplo de exercício do Jornalismo Literário que circulou no país.

A *Realidade* foi editada até meados de 1976, pois não sobreviveu à lógica de mercado e à censura da ditadura militar, visto que a publicação tratava de temas considerados tabus, como aborto, sexualidade e drogas. A revista tinha como referencial a “valorização da reportagem como gênero a um só tempo afirmativo da atividade jornalística e permeável a incursões próximas de realização literária.” (BULHÕES, 2007, p.143) Entre o quadro de repórteres da revista estava Joel Silveira, que apresentava em suas reportagens os múltiplos aspectos da realidade, pouco retratado nas outras obras contemporâneas a sua. Joel escreveu *A milésima segunda noite da Avenida Paulista* (1945), a história dos preparativos para a festa de casamento da filha de Francisco Matarazzo Jr. O jornalista foi incumbido de escrever sobre o assunto, porém, ele não fora convidado e produz a reportagem através do relato de um amigo.

Desde as primeiras publicações consideradas como Jornalismo Literário, o formato em que ela surge foi mudando aos poucos, em relação à periodicidade e perenidade da informação. Inicialmente as reportagens apareceram nos jornais americanos como *Herald Tribune*, *Daily News* e *The New York Times*. Depois, o estilo começa a ocupar as páginas das revistas como a *New Yorker*, o meio impresso tem outra lógica de periodicidade e não obedece ao ritmo acelerado do jornalismo diário.

Mas é no livro-reportagem que o estilo encontra espaço, de acordo com Bulhões (2007), através dele, o jornalismo literário encontra maturidade e expressão máxima, principalmente por oferecer um espaço maior que permite aprofundamento dos temas abordados. Muito diferente das pequenas colunas entremeadas de anúncios publicitários que encontramos atualmente nos periódicos de grande circulação nacional.

A razão da falta de espaço para estas narrativas na mídia tradicional, por um lado exprime a acomodação com o modelo predominante, norte-americano. Por outro lado, ainda há desconhecimento sobre o estilo Jornalismo Literário e suas possibilidades de escrita em qualquer editoria e independente da extensão dos textos.

Há um dogma de que só pode ser praticado em textos longos. Isso não é verdade. Ele comporta a matéria curta e longa... os jornais perdem leitores e não têm como concorrer com a velocidade da internet, então os jornais deveriam procurar outros caminhos para desempenhar sua função social. Que caminho teriam os jornais diários para manter um papel importante na sociedade? Entendo que um dos papéis seriam narrativas mais bem elaboradas, mais contextualizadas, e o jornalismo literário é este arsenal já provado e testado no mundo. (LIMA, 2013).

O Jornalismo Literário segundo Lima (2013) é universal, portanto, se o profissional conhece as ferramentas desse estilo, poderá cobrir “todas as áreas do universo” (LIMA, 2013) Desde as editoriais consideradas mais complexas pelo conteúdo, ou por possuírem dados muito técnicos, como por exemplo, economia e política.

Através da aproximação de jornalismo e literatura é possível que as informações resistam “à possibilidade iminente do perecimento” (LIMA, 2009). Até hoje muitas características são mantidas e outras vão surgindo em nome de um tipo particular de praticar jornalismo calcado no retrato mais aproximado da realidade, atualmente, exercido pelos acadêmicos de Comunicação Social das academias espalhadas pelo mundo.

2 GÊNEROS QUE HUMANIZAM O RELATO

O repórter é o escritor dos acontecimentos, ao passar dos anos, e principalmente com o avanço das tecnologias de informação, acompanhou diferentes mudanças nas tarefas do jornalista e, no modo de escrever.

Esse indivíduo que possui em sua essência o olhar investigativo e, deve estar na rua, no local em que as coisas acontecem, começa a mudar sua rotina após a instituição da pauta nas redações. Em parte, isso contribuiu na organização e planejamento do trabalho do repórter, mas segundo Kotscho (1995) por outro lado, esse fato serviu para a acomodação dos profissionais, que se tornaram passivos aos acontecimentos. “Com pauta ou sem pauta, lugar de repórter é na rua. É lá que as coisas acontecem, e a vida se transforma em notícia.” (KOTSCHO, 1995, p.11-12) Porém, não podemos esquecer que com o advento da internet, e principalmente, com as redes sociais muitas atribuições foram associadas a figura do jornalista, as relações entre o jornalista e sua fonte, até mesmo os critérios de noticiabilidade estão em constante mudança.

Os fatos relatados através das notícias, escritas na maior parte das vezes de forma mecânica e respondendo apenas as perguntas básicas do lead, encontram nos gêneros como a reportagem e o perfil, espaço para ampliarem suas abordagens. Neles, é possível o aprofundamento dos fatos, explorando pontos de vista, e vários lados de uma mesma história. O retrato da realidade vivenciada por pessoas comuns passa a ser importante para os jornais, como: “dramas sociais, histórias da vida e da morte, relatos de desempregados, dos menores abandonados, o fim de linha da violência e dos desencontros, ou o drama dos boias-frias.” (KOSTCHO, 1995, p.58),

Através dos gêneros jornalísticos, entre eles: reportagem, perfil e biografia de curta-duração, o repórter tem a possibilidade de inovar na forma de escrita, e romper com as barreiras impostas pelo jornalismo diário, que preza pela quantidade de informação em menor tempo em detrimento de uma história em profundidade e que humanize os relatos.

É importante ressaltar, que entre os gêneros existem muitas semelhanças. A reportagem nos moldes que conhecemos hoje começa a aparecer nos anos 1920, porém as reportagens especiais, que apresentam uma abordagem com mais profundidade demoraram a ganhar espaço nas páginas dos periódicos.

2.1 REPORTAGEM: UM GÊNERO JORNALÍSTICO PRIVILEGIADO

Para Sodré & Ferrari (1986), a reportagem é uma narrativa, com personagens, ação dramática e descrições de ambiente, separada, entretanto, da literatura por seu compromisso com a objetividade informativa. Os autores conceituam a reportagem como um “gênero jornalístico privilegiado, que se afirma como o lugar por excelência da narração jornalística.” (SODRÉ & FERRARI, 1986, p.9) A reportagem nasce da necessidade de ampliar a narrativa de determinado fato, rompendo com as convenções estabelecidas pela pirâmide invertida.

À medida que a pauta apresenta a possibilidade de se expandir os fatos gerados na notícia, ou seja, demanda o relato dos envolvidos, o ponto de vista de mais de um lado, além da apuração mais detalhada, é chamada de reportagem especial, muito comum em revistas e cadernos especiais dos periódicos. Wolfe (2005) explica que essa reportagem é a expressão jornalística para uma matéria que escapava à categoria da notícia pura e simples. E, abrange tudo, desde pequenos fatos ‘divertidos’, engraçados, geralmente do movimento policial, até histórias de “interesse humano”. (WOLFE, 2005, p.15)

Pode-se caracterizar, então, a reportagem como a extensão da notícia, pois tem a possibilidade de trazer vários ângulos de um só fato. O gênero ganhou impulso nos EUA, no episódio ocorrido em 1925 no Estado de Kentucky, que depois virou o filme *A montanha dos Sete Abutres* (WOLFE, 2005, p.11), em que o jornalista constrói uma narrativa a partir da história de um personagem que estava preso dentro de uma montanha. Através disso, o fato passou de uma simples notícia sobre um mineiro preso entre as pedras de uma mina, para um acontecimento que atraiu o olhar de vários jornais de circulação nacional.

Wolfe ressalta a importância do ‘quem’ e ‘o que’, perguntas básicas do lead, que são fundamentais para podermos narrar uma história, perguntas estas que são imprescindíveis para a escrita da reportagem. Estes dois elementos têm de existir, mas têm, sobretudo de despertar interesse humano – ou não serão suficientes para sustentar a problemática narrativa. (WOLFE, 2005, p.14)

Kotsho (1995) elenca as principais características de uma reportagem: predominância da forma narrativa; humanização do relato; texto de natureza impressionista e; objetividade dos fatos narrados.

Desses itens, resalto a importância da humanização do relato, que “diretamente ligada à emotividade, se acentuará na medida em que o relato for feito por alguém que não só testemunha a ação, mas também participa dos fatos.” (KOTSCHO, 1995, p.15), é o que

caracteriza a observação participante do repórter, técnica obtida da Sociologia, em que ao apurar as informações para a escrita da reportagem o jornalista se coloca no lugar de seus personagens, vivendo dias desempenhando as mesmas atividades que sua fonte, para poder sentir, ouvir, enxergar como cada um deles.

Um dos fatos que distinguem a notícia da reportagem é a atualidade. Embora uma não prescindida da outra, esta não terá o mesmo caráter imediato que determina a notícia, na medida em que a função do texto é diversa: “a reportagem oferece detalhamento e contextualização àquilo que já foi anunciado.” (KOTSCHO, 1995, p.18) Enquanto a notícia tem como função anunciar um fato que aconteceu há pouco tempo, ou no momento em que está acontecendo, a reportagem não necessariamente precisa obedecer a mesma ordem. Tem a possibilidade de resgatar um fato acontecido há anos atrás, mas que ainda pode ser de interesse público.

Para Cremilda Medina (1978) o que distingue a notícia da grande reportagem é o tratamento do fato jornalístico, no tempo de ação e no processo de narrar. A reportagem amplia uma notícia de poucas linhas, aprofundando o fato no espaço e no tempo, e esse aprofundamento do conteúdo informativo se faz numa abordagem estilística. Esse gênero reúne muitas informações, por isso no momento de escrever a reportagem, para Coimbra (1993), o jornalista se permite “atrapalhar-se ao estabelecer a ordenação cronológica ou a chamada pirâmide invertida,” (COIMBRA, 1993, p.10), ou seja, é possível escrever sem obedecer à ordem cronológica estabelecida na pirâmide invertida que trata as informações de maneira hierarquizada. Pelo contrário, a reportagem permite que o jornalista escreva de forma diferente e criativa para que torne uma leitura dinâmica, sem as convenções do jornalismo diário.

Esse gênero demanda também investimento muito grande, tanto em termos de recursos humanos, como a disponibilidade de profissionais para desempenhar a tarefa, quanto financeiros. Pois, para realizar matérias em profundidade é bastante caro, devido ao tempo de apuração e deslocamento que ela exige. Isso faz com que as empresas apostem no modelo *hard news*, pois desperta o maior interesse nos patrocinadores, que estão em busca de informações rápidas e que estimulem a compra de seus produtos.

A chamada grande reportagem, segundo denominação de Kotscho (1995), está desaparecendo dos nossos jornais, pois além de custar caro, principalmente na etapa de produção, as matérias ocupam bastante espaço físico, ou seja, um espaço redacional cada vez mais rarefeito nos grandes jornais. Além disso, “há cada vez menos repórteres dispostos a encarar o desafio de entrar de cabeça num assunto, esquecer tudo o mais para, no fim, ter o prazer de contar uma boa história.” (KOTSHO, 1995, p.71)

2.2 BIOGRAFIA DE CURTA-DURAÇÃO, LÊ-SE PERFIL

O autor Sérgio Vilas Boas define o perfil como um texto biográfico curto, publicado em veículo impresso ou eletrônico, que narra episódios e circunstâncias marcantes da vida de um indivíduo, famoso ou não. (VILAS BOAS, 2002, p.93) Surge com a ideia de retratar o lado humano de cada um, escrito através das impressões que o repórter tem de determinada pessoa ou lugar, com um texto mais apurado que exige a sensibilidade de quem o escreve. Steve Weinberg, biógrafo e professor da Universidade de Missouri, propõe o termo *short-form biography* ou biografia de curta-duração:

Perfis, ou o que poderia muito bem ser chamado como biografia de curta-duração, ocasionalmente já aparece em revistas e jornais há séculos. Mas só nos últimos cinquenta anos ganham profundidade, perfis escritos artisticamente, muitas vezes com inclinação investigativa, começam a aparecer regularmente e em alguns periódicos de qualidade. Somente nos últimos vinte e cinco anos tem se tornado uma tendência. (WEINBERG, 1992, p.156)¹

O bom autor de perfis precisa observar de perto o personagem que vai retratar, passando dias ao lado da pessoa ou objeto que irá descrever. Mesmo sem treinamento profissional para interpretar manifestações de caráter e temperamento, não surpreende que apareçam também nesses textos elementos de comunicação não-verbal, que passam a integrar o conjunto de pistas oferecidas ao leitor para suas próprias conclusões sobre o personagem.

Não se trata de um texto convencional em que aparece o lead estruturado, é uma narrativa que fala sobre determinada pessoa, objeto, instituição ou o que quer que seja perfilado. “Há muitas maneiras de escrever uma história, mas nenhuma pode prescindir de personagens.” (SODRÉ & FERRARI, 1986, p.125) Oswaldo Coimbra (2008) denomina os perfis jornalísticos de “reportagem narrativo-descritiva de pessoa”. Para Sodré e Ferrari (1986), deve ser chamado de perfil o texto que enfoca um protagonista de uma determinada história.

Um dos elementos mais importantes do perfil é a descrição, pois através dela é possível conhecermos sobre o que o autor quer contar. Quando um personagem é secundário e sua descrição ocorre num breve momento de suspensão da ação narrada, há, para esses

¹ Do original: Profiles, or what could rightly be called short-form biographies, have appeared occasionally in magazines and newspapers for centuries. But only in the last fifty years have in-depth, artfully written profiles, often with an investigate bent, begun appearing with any regularity in a few quality periodicals. Only in the last twenty-five years have they become something of a trend.

autores, o que denominam de miniperfil. Os mini- perfis podem ser inseridos em todo tipo de reportagem. O destaque é dado aos fatos, à ação para dar lugar a um enfoque rápido sobre eles, sob forma narrativa ou de curta entrevista. (SODRÉ & FERRARI, 1986, p.159)

Outro autor e escritor de perfis, Sergio Vilas Boas, em artigo para a Revista Entre-Livros, faz uma colocação importante sobre o uso do termo, em que afirma a possibilidade de escrita partindo de pessoas.

Embora andem colocando a palavra perfil antes de qualquer coisa por aí, o fato é que não existe perfil de bairro, perfil de um edifício, perfil de época. Sinto muito, mas perfil é de um ser humano. (VILAS BOAS, 2008, p.38)

Entretanto, o autor está equivocado em afirmar tal sentença, pois é possível construir uma biografia de curta-duração (perfil) de um programa de rádio, de um prédio, de uma instituição e não apenas de pessoas como sugere Vilas Boas. Claro, que todas essas construções e objetos são obras de pessoas, mas no caso do perfil de um edifício, por exemplo, são vários personagens humanos que compõem o todo. Kotscho (1995) pontua que o “filão mais rico das matérias chamadas humanas, o perfil dá ao repórter a chance de fazer um texto mais trabalhado - seja sobre um personagem, um prédio ou uma cidade.” (KOTSCHO, 1995, p.42)

Em todos os três gêneros comentados acima, volta-se o foco para o repórter. Em todas as modalidades de texto, é preciso que a narrativa seja envolvente, para fugir das amarras da rotina mecanizada, e do lead que apenas anuncia um determinado fato, sem conta a história de cada personagem e nem dos antecedentes.

A permanência desse estilo em revistas, jornais e mais recentemente na TV, depende principalmente da atuação dos repórteres e também do interesse das empresas de inovar quanto a seus conteúdos. O modelo *hard news* já está suprimido, pois os leitores necessitam de novos assuntos, e de mais profundidade, frente ao bombardeio de informações repetidas pelos veículos de maior circulação no país todos os dias. Para Kotscho (1995), no momento em que houver repórteres dispostos a levar seu ofício até as últimas consequências, “a reportagem sobreviverá – grande ou pequena, não importa. O importante é continuar contando o que acontece por aí.” (KOTSCHO, 1995, p.80)

Além disso, é importante suscitar a ideia que novas formas de escrita sempre serão bem vindas aos periódicos, pois inovam a forma de ver as coisas, e trazem novas abordagens sobre temas que são mostrados diariamente pela mídia.

3 O MEIO DE COMUNICAÇÃO QUE APROXIMA

É através das palavras ditas que o rádio reconstrói cenários e faz com que o ouvinte se sinta presente no local dos fatos. O emissor se refere a muitas pessoas como se estivesse dirigindo-se diretamente àquele ouvinte específico. “É como se o rádio estivesse “contando” para cada um em particular.” (ORTRIWANO, 1985, p.81)

De acordo com Ortriwano (1985), é através da sensorialidade que o rádio envolve o ouvinte, fazendo-o participar por meio da criação de um diálogo mental com o emissor. Com isso, permite que o homem se sinta participante de um mundo muito mais amplo do que aquele que estava ao alcance de seus órgãos sensoriais. A partir da ampliação da capacidade de ouvir, tornou-se possível saber o que está acontecendo em cada lugar. (ORTRIWANO, 1985, p.84) Para a autora, o conteúdo veiculado no rádio desperta a imaginação através da emocionalidade das palavras e dos recursos de sonoplastia, permitindo que as mensagens tenham nuances individuais, de acordo com as expectativas de cada um. O rádio também se adapta muito bem ao papel de “pano de fundo” em qualquer ambiente, despertando a atenção quando a mensagem apresentada é de interesse mais específico do ouvinte.

Ortriwano (1985) pontua as características intrínsecas do rádio, dentre elas estão: a linguagem oral, no qual o rádio leva uma vantagem sobre os veículos impressos, pois para interpretar as informações não é preciso ser alfabetizado. A mensagem sonora não exige escolaridade avançada para compreender o que é dito, pois mantém a forma coloquial.

Assim, é possível compreender por que o rádio é tão importante no meio rural, pois o interlocutor pode desempenhar outras atividades enquanto ouve seu programa favorito. Além disso, consegue entender a mensagem mesmo se tiver baixa escolaridade. Segundo Bordenave (1988):

O rádio utiliza códigos auditivos que não exigem a habilidade da leitura para decodificar suas mensagens, por seu baixo custo, tecnologia de complexidade relativamente manejável por leigos, e pela intimidade de sua recepção, o rádio é o meio universalmente utilizado nas áreas rurais. (BORDENAVE, 1988, p.73)

Segundo o autor, em localidades rurais mais distantes as emissoras de rádio substituem serviços de comunicação que faltam no campo, ou que ainda não funcionam corretamente, como correios, telefone, celular e estradas. “Elas são o ‘telefone do povo’, pois através delas transmitem-se avisos de doenças, reuniões, visitas e outros.” (BORDENAVE, 1988, p.73)

Entre os meios de comunicação de massa, o rádio é, sem dúvida, o mais popular e o de maior alcance público, não só no Brasil como em todo o mundo. Como afirma Ortriwano (1985) é o “único a levar a informação para populações de vastas regiões que não têm acesso a outros meios, seja por motivos geográficos, econômicos ou culturais.” Por isso, o rádio ainda é um importante meio de comunicação nas cidades de interior, mesmo com a presença de internet e outras tecnologias, como o celular, por exemplo. Por ser o mais abrangente dos meios, alcança os pontos mais remotos e pode ser considerado de alcance nacional.

O regionalismo, segundo Ortriwano (1985), é uma característica intrínseca e marcante do rádio, devido a sua “menor complexidade tecnológica, permite a existência de emissoras locais, que poderão transmitir mensagens mais próximas ao campo de experiência do ouvinte”. (ORTRIWANO, 1985, p.79) Quando o interlocutor sintoniza a rádio local, e ouve a voz do locutor que conhece, sente-se próximo dos fatos. Ao contrário de outros meios que trazem informações de tempo e locais muito distantes, que não dizem respeito a realidade próxima do ouvinte.

O rádio se popularizou também pelo fato de ter custo baixo, se levarmos em consideração o grande número de pessoas que recebe a mensagem radiofônica, os custos de produção se diluem. O que torna o veículo de mais baixo custo de produção em relação ao público atingido. (ORTRIWANO, 1985, p.80)

3.1 DOS PRIMEIROS APARELHOS RADIOFÔNICOS AO TRANSISTOR

O rádio atravessou décadas, passou por diversos momentos históricos e é importante na vida dos brasileiros desde os primeiros experimentos do padre gaúcho Roberto Landell de Moura com transmissão e recepção de sons por meio de ondas eletromagnéticas entre 1893 e 1894.(FERRARETO, 2001, p.83) Passando pelo empreendimento do italiano Guglielmo Marconi que aprimorou e desenvolveu novos equipamentos, até o estabelecimento de um sistema de radiodifusão sonora como conhecemos hoje, dois séculos se passaram. Como pontua Ferrareto (2001), a radiodifusão é o resultado do trabalho de vários pesquisadores ao longo do tempo, e representam “o esforço do ser humano para atender a uma necessidade histórica: a transmissão de mensagens à distância sem o contato pessoal entre o emissor e o receptor.” (FERRARETO, 2001, p.80)

Em 1916 o russo radicado nos EUA, David Sarnoff cria um produto com as características semelhantes ao rádio que conhecemos hoje. Sua criação “converteria o rádio em um meio de entretenimento doméstico como o piano ou o fonógrafo.” (FERRARETO *apud* GIL, 2001, p. 88) Nesse momento Sarnoff intuía a possibilidade de transformar o rádio em um “meio de comunicação massiva unidirecional”. (FERRARETO *apud* GIL, 2001, p. 88) Anos mais tarde, em novembro de 1920 nos Estados Unidos, no estado da Pensilvânia, mais precisamente na casa de Frank Conrad começam as transmissões da KDKA, primeira emissora de radiodifusão sonora com licença comercial.

No Brasil em 1922, a primeira demonstração pública de radiodifusão sonora, aconteceu no Rio de Janeiro durante a inauguração da Exposição do Centenário da Independência no dia 7 de setembro. A empresa americana Western Electric, com sede nos EUA, transmitiu por meio de alto-falantes, os discursos do presidente da república Epitácio Pessoa. Além disso, foram distribuídos 80 receptores às autoridades civis e militares. (FERRARETO, 2001, p.94)

As primeiras emissões regulares começaram em 1923, com a fundação da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro pelo professor Edgard Roquette-Pinto, conhecido como pai do rádio brasileiro, em homenagem a ele, o dia 25 de setembro, data de seu nascimento, é considerado o Dia Nacional da Radiodifusão. (FERRARETO, 2001, p.94-95)

Em 1931, com a Rádio Record em São Paulo, um novo modelo foi introduzido no mercado, como pontua Ferrareto (2001), surgia em 1932 uma nova fase na radiodifusão, com a regulamentação da publicidade em todas as emissoras. Aos poucos, o veículo cresce vários estados do Brasil e adquire o caráter massivo. Ao mesmo tempo algumas regras se estabeleceram, como por exemplo, os horários considerados potencialmente mais adequados para esse tipo de emissão: pela manhã, entre seis e nove horas; ao meio dia, entre 12 e 14 horas; no final da tarde, entre 18 e 19; e à noite, entre 22 e 24 horas. (ORTRIWANO, 1985, p.93) Esses horários ficaram marcados por programas consagrados como *A voz do Brasil*, o programa mais antigo do rádio ainda em execução, transmitido pela primeira vez em 22 de julho de 1934, durante o governo de Getúlio Vargas com o nome de "Programa Nacional", apresentado pelo locutor Luís Jatobá. Em 1938 o nome mudou para a Hora do Brasil, que passou a ter veiculação obrigatória, somente com a divulgação dos atos do Poder Executivo, sempre das 19 às 20 horas.

Com o passar dos anos o sistema de radiodifusão sonora foi se consolidando, de acordo com Ortriwano (1985) as emissoras se dividiram quanto ao tipo de conteúdo veiculado: as que se dedicam à informação geralmente transmitem em AM (amplitude

modulada e ondas médias), já as FM (frequência modulada), na maioria dos casos apenas cumprem a lei no que diz respeito aos programas jornalísticos com programação predominantemente musical.

A maneira de construir conteúdo e elaborar a programação, bem como as funções dos profissionais também mudou ao longo dos tempos. Mas o responsável por tornar o rádio mais prático e ainda mais próximo de seus ouvintes foi a invenção do transistor. Patentado em 1947 nos Estados Unidos, o componente eletrônico ampliou os sinais eletrônicos e possibilitou que qualquer pessoa levasse o rádio para qualquer lugar, popularizando ainda mais o veículo. Em 1952, os primeiros receptores transistorizados já estavam no mercado norte-americano. Com a invenção do transistor, o ouvinte está livre de fios e tomadas, e não necessariamente precisa estar em um lugar fixo, como era frequente tempos atrás, em que as famílias se reuniam na casa de parentes e dos vizinhos para ouvir o programa local, e ficar bem informado.

O rádio hoje está em todo lugar: na sala, na cozinha, no quarto, no escritório, nas fábricas, no automóvel. O tamanho do aparelho diminuiu bastante, e pode ser facilmente transportável. Além disso, está presente com mais facilidade no local dos acontecimentos, e transmite as informações mais rapidamente do que outros meios de comunicação como a televisão, e o jornal impresso, que costumam trazer as informações do dia anterior. Para Ortriwano (1985) essa característica acaba “eliminando também o hiato de audiência durante o tempo de locomoção de um lugar para outro”. (ORTRIWANO, 1985, p.79)

Na década de 50 com o surgimento da TV, o rádio aos poucos deixa de lado os programas de auditório, que transmitiam apresentações musicais, entrevistas, e a presença de pessoas importantes. A participação dos ouvintes no estúdio era frequente, pois o espaço era amplo e permitia a presença de várias pessoas que interagiam com o locutor no momento da apresentação. A partir daí, começa uma fase de transmissão musical e de serviços. “O lazer radiofônico começa a se restringir à transmissão de músicas e à difusão de fatos.” (FERRARETO, 2001, p.140).

3.2 DOS ALTO-FALANTES ÀS EMISSORAS REUNIDAS

No Rio Grande do Sul a radiodifusão chega um pouco mais tarde, na década de 1940. Antes das emissoras de rádio – que conhecemos hoje – possuem sede e registro, havia um tipo diferente de comunicação sonora bastante popular. Nas cidades do interior, espalhados pela praça central, calçadão, e outros locais públicos, os serviços de alto-falantes eram muito comuns. “Entre reclames do comércio, transmitem músicas e, não raro, dedicatórias a acompanhar os flertes do início de noite.” (FERRARETO, Rádio no RS, 2006) Os profissionais que trabalhavam nesses veículos eram chamados de a “voz-do-poste”, e mais tarde no final da década de 1940, se tornaram os radialistas das primeiras emissoras de rádio do Rio Grande do Sul.

Em meados dos anos 40, em Santa Cruz do Sul a primeira emissora vai ao ar, a maioria dos funcionários eram trabalhadores do Serviço Alto-falante Santa Cruz Estúdio, conhecido também como Som Azul. (FERRARETO, Rádio no RS, 2006)

O empresário Arnaldo Ballvé decidiu que aproveitar o pessoal dos alto-falantes seria interessante para seu negócio. Na ausência desses profissionais forneceria treinamento e orientação a inexperientes candidatos a radialista. Assim surgem potenciais gerentes e funcionários das rádios no interior. Na década de 1940, começa a organizar as Emissoras Reunidas que mais tarde se torna o principal grupo do interior gaúcho.

Com a denominação de Emissoras Reunidas Rádio Cultura Ltda., a empresa é registrada em 4 de dezembro de 1944. A expressão “Rádio Cultura”, utilizada na Zona Sul do estado por outro grupo, acaba sendo suprimida. Ao todo foram nove concessões obtidas, a primeira das estações construídas pela rede a entrar em funcionamento, foi a de Rádio Santa Cruz – ZYE-8, em 11 de março de 1946 na cidade de Santa Cruz do Sul. A segunda foi a de Caxias do Sul com o prefixo de ZYF-3.

O interior do Rio Grande do Sul começa a receber as emissoras e a abrangência da rede se expande pelos quatro cantos do estado. Foram elas: Cachoeira do Sul, ZYF-4; Carazinho, ZYE-8; Cruz Alta, ZYF-9; Erechim, ZYF-7, Passo Fundo, ZYF-5; Santo Ângelo, ZYF-6, e na fronteira oeste, em fevereiro de 1947, vai ao ar a Rádio Alegrete, ZYE - 9.

Ballvé inicia na Rádio Caxias um processo que vai se tornar comum em outras estações das Reunidas: dá participação no negócio aos empresários da imprensa local. Com o tempo, esta prática vai envolver também gerentes das rádios. Em cada município onde instala suas estações, o diretor-gerente das Emissoras Reunidas procura, antes, informações sobre

quem pode ser aproveitado no novo empreendimento. Esse método fortalece a economia local e incentiva os comerciantes e indústrias a patrocinarem uma rádio local, com informações de sua comunidade.

Porém, como aponta Ferrareto (2006), o crescimento da concorrência e a falta de modernização técnica e gerencial fazem com que, a partir daí, as Emissoras Reunidas comecem a se desmembrar. No início dos anos 90, o empresário Nelson Proença assume a rede de emissoras que foi denominado de Rede Comunidade. Mais tarde, em junho de 2003, o grupo adota a denominação de Rede Tchê (FERRARETO, Rádio no RS, 2006), atualmente composta por três emissoras AM abrange as regiões gaúchas do Alto Uruguai, em Erechim, região da Campanha, em São Gabriel e da Fronteira Oeste, no município de Alegrete.

3.3 O VEÍCULO QUE MOBILIZA

A categoria dos radialistas exigia organização, segundo Ferrareto (2014), em meio aos antagonismos de classe, opondo patrões e empregados, o rádio institucionaliza-se diante o governo de João Goulart. Antes de Jango assumir o poder, dois fatos criam condições para o surgimento de entidades que em conjunto, mesmo defendendo interesses opostos, levam a radiodifusão sonora a ser tratada como um setor produtivo, mais ou menos coeso, dentro da sociedade brasileira.

O primeiro é quando o então presidente Jânio Quadros, assina o Decreto n. 50.840 em 24 de junho de 1961, e reduz de 15 para três anos o período para renovação de concessão para transmissão sonora. O fato causou muitos protestos de empresários, mas a medida não foi posta em prática, pois Jânio renuncia meses depois.

O segundo fato é quando o empresariado mobiliza-se em torno da aprovação do Código Brasileiro de Telecomunicações, que recuperava decretos de Getúlio Vargas, e de Jânio Quadros, que reduziam o período de validade das concessões. O código é instituído, Jango veta 52 pontos da Lei n. 4.117, mas a aprova em 27 de agosto de 1962. Assim, pretendendo aumentar o controle do Estado sobre a radiodifusão comercial, Jango rejeita o parágrafo 3º do artigo 33, que estabelece a concessão por 10 anos para estações de rádio e por 15 para as de TV. O prazo de funcionamento das emissoras, portanto, ficaria a critério do Poder Executivo. O veto ao artigo 54 atinge garantias à livre expressão de críticas e de

conceitos desfavoráveis aos atos de qualquer um dos poderes da Nação. (FERRARETO, Rádio no RS, 2014)

Em novembro de 1962, representantes das emissoras de todo o país se reuniram em Brasília, para realizar uma ação lobista junto aos parlamentares, organizada pelo diretor geral dos Diários e Emissoras Associados, João de Medeiros Calmon. Do Rio Grande do Sul, viajam, entre outros, Antônio Abelin, da Rádio Imembuí, de Santa Maria; Flávio Alcaraz Gomes, da Rádio Guaíba; Frederico Arnaldo Ballvé, da Rádio e TV Gaúcha; Nelson Dimas de Oliveira e Franklin Peres, dos Associados; e Victor Hugo Ferlauto, das Emissoras Reunidas.

No dia 27 de novembro do mesmo ano, representantes de 172 estações – entre as quais as de maior potência na época e a totalidade das de TV – fundam, a Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão, a ABERT. Logo após, os dirigentes de estações do Rio Grande do Sul organizam uma entidade representativa de âmbito estadual, a Associação Gaúcha de Emissoras de Rádio e Televisão, a AGERT. Da reunião inicial, no dia 13 de dezembro, realizada na sede da Associação Rio-grandense de Imprensa, participam 62 lideranças empresariais, que escolhem a primeira diretoria da entidade, tendo como presidente Nelson Dimas de Oliveira, dos Diários e Emissoras Associados.

Em meio ao cenário político que vigorava no ano de 1961, duas correntes se opunham: uma a do grande capital, defendendo a internacionalização, e a outra, dos trabalhadores associada às forças reunidas em torno do presidente João Goulart, com uma perspectiva mais nacionalista e independente.

O rádio foi protagonista em momentos decisivos na história do Rio Grande do Sul, e do Brasil, como no Movimento da Legalidade, liderado pelo então governador do estado, Leonel Brizola. Defendia que o vice-presidente João Belchior Marques Goulart, o Jango, assumisse a presidência da República, após a renúncia de Jânio Quadros. Em contraste com outras mobilizações anteriores, nesta, o rádio constitui-se na arma principal. (FERRARETO, 2006)

O ministro da Guerra ordenou, na madrugada do dia 28 de agosto de 1962, que fossem retirados os cristais dos transmissores das rádios Farroupilha e Gaúcha, tentando repetir em Porto Alegre o que já ocorria em outras capitais controladas pelos golpistas.

...Brizola dá uma entrevista coletiva, garantindo que vai resistir à tentativa de golpe. Falando ao microfone das rádios Difusora, Farroupilha e Gaúcha, o governador começa a atrair milhares de pessoas para o Palácio Piratini e para a Praça da Matriz, em frente à sede do Executivo do Rio Grande do Sul. Está começando a se constituir

o que ele chamará, em vários discursos, de a Cidadela da Legalidade. (FERRARETO, Rádio no RS, 2006)

O diretor da Rádio Gaúcha, Maurício Sirotsky Sobrinho, propõe que a emissora seja requisitada pela Assembleia Legislativa, e se integra à Rede da Legalidade. A partir daí, o responsável técnico pela Rádio Guaíba, engenheiro Homero Carlos Simon, faz uma conexão – improvisada, mas eficiente – entre os transmissores na Ilha da Pintada e uma pequena sala no porão do Palácio Piratini, onde as paredes haviam sido cobertas, tempos antes, com forração acústica, preparando um futuro estúdio para os pronunciamentos semanais de Brizola na Farroupilha. (FERRARETO, Rádio no RS, 2006)

Agora, com um microfone e um toca-discos colocados às pressas, começa a se estruturar, nestas instalações precárias, a Rádio da Legalidade, base de uma rede que irá mobilizar milhares de pessoas e garantir a posse constitucional de Jango. (FERRARETO, Rádio no RS, 2006)

Mesmo com o surgimento de outros veículos de comunicação como a TV, e mais tarde a internet, o rádio não perdeu seu prestígio, pelo contrário, se remodelou. Apesar da perplexidade inicial diante do aparecimento de outro meio tecnologicamente mais sofisticado se especializou em sua própria faixa de potencialidade. “Mesmo que a televisão continue concorrendo com o rádio, este já não a teme mais, até convive com ela: na hora do futebol, muitos torcedores preferem unir a imagem da televisão com a narração do rádio.” (ORTRIWANO, 1985, p.81)

Em relação à internet, o rádio também se adaptou, e utiliza da rede para potencializar o serviço de difusão sonora. Qualquer pessoa em qualquer lugar do planeta pode ouvir a emissora de sua preferência, sem precisar sintonizar-se de maneira analógica com os aparelhos receptores. Dessa maneira, a internet possibilita que as rádios alcancem mais ouvintes.

Mesmo que estejam longe fisicamente da sua cidade de origem, podem voltar a ouvir os noticiários locais. Os ouvintes não perdem o hábito de ouvir rádio, pois este se reinventa para acompanhar as tecnologias, apenas os meios de transmissão mudam, porém a essência do rádio continua a mesma desde a sua criação: aproximar-se do ouvinte através da oralidade.

Seja para ouvir futebol ou ouvir debates políticos, o rádio ainda é próximo dos ouvintes que criaram afeto ao longo dos anos. O rádio é como se fosse um amigo que está na sala contando as novidades do dia.

4 PRODUTO EXPERIMENTAL

O produto experimental é uma biografia de curta-duração em estilo Jornalismo Literário, do programa radiofônico Mensageiro Rural, que há sessenta e oito anos, vai ao ar de segunda a sábado pelas ondas sonoras da Rádio Alegrete. São quase sete décadas de histórias que estavam presentes apenas na oralidade dos moradores de Alegrete, no interior do Rio Grande do Sul e a partir da construção desse trabalho é possível transformar esses casos em um registro escrito.

4.1 O DIA QUE NÃO TINHA VENTO NÃO SE OUVIA RÁDIO

Uma hora em ponto, marca o relógio pendurado na cozinha com janela de vidros crespos. Mesmo estreita, cabe ali um balcão-pia branco, e uma mesa não muito comprida de cor igual. No apoio da janela, alguns cactos recebem luz.

Enquanto lava as últimas louças do almoço, a senhora de voz tênue, com aproximadamente 1,60 de altura, veste um casaco escuro, pois esfriou depois da chuva.

Calmamente procura o rádio que deve estar no lugar de sempre. Nada de botões digitais, é aquele velho aparelho eletrônico, retangular, de cor cinza, que tem a régua para sintonizar. Comprado há muito tempo, talvez em alguma viagem a Libres na fronteira. Na estante de madeira restaurada, com a porta colorida de laranja, fica a televisão de tela plana, muito diferente dos largos televisores, enormes trambolhos de antes. Ao lado, está o fiel companheiro de alguns janeiros.

Seja para avisar como vai ficar o tempo hoje, ou convidar para algum baile, a notícia de quem nasceu ou o que aconteceu na cidade, é como um amigo que chega para contar as novidades, que senta na cozinha para conversar acompanhado de um bom mate. É assim que o rádio se faz presente na casa dos moradores do interior do Rio Grande do Sul.

A senhora de óculos de grau, vestida com calças de abrigo, camiseta e chinelos confortáveis, caminha em direção ao companheiro de todas as manhãs e tardes. Gira duas vezes para a esquerda, outra para a direita. Pronto! Sintoniza na frequência 590 AM.

- Atenção no interior... localidade do Mariano Pinto, a Dona Maria avisa que vai voltar no ônibus das cinco com as crianças e as encomendas, é pro seu Vicente esperar na porteira.

Tia Quinca, como é conhecida pela família, tem a pele clara, estatura mediana, cabelos ondulados e finos pela arquitetura do tempo. A voz imprime à calma e a sabedoria de quem já viveu por mais de oito décadas. Destas, quatro foram vividas em um lugar completamente diferente deste.

Da porta da cozinha via a imensidão dos campos. A espera é ansiosa pelo marido que vai à cidade comprar os mantimentos para a casa. Sozinha, a jovem senhora cuida de seus quatro filhos e dos animais da chácara. Sabe bem como é a vida no campo. Os cabelos ondulados balançam em dia de vento norte. É preciso fazer as lides da casa antes do anoitecer, e não é pouca coisa.

Aos 84 anos, deixou de usar o vestido de algodão, estampado com flores amarelas, e a saia secretária de cor bege claro. Nem faz mais permanente no cabelo, uma técnica utilizada pelas mulheres, para deixar os fios cacheados. Todos os meses, ela e sua irmã iam à cidade de carroça, para fazer os retoques. Seus passatempos são os bingos no domingo e alguma outra reunião com suas amigas.

Algumas crianças brincam na rua, e o cachorro late sem parar fazendo arruaça pelo estreito pátio, como se brincasse junto. Ela lembra os tempos vividos, ouvindo o mesmo programa que anuncia as novidades da cidade. As coisas eram muito diferentes. O silêncio da vida era interrompido apenas pelo chiado do rádio e pelo berro do gado no campo.

- Tá na hora dos avisos, para te quieto - exclama ela ao cachorro que não para de acoar - vamos ouvir!

BAITA CHÃO

Um mundaréu de gente

mora em Nova York

Em prateleiras que chamam de pavimentos,

Bitolados, catalogados, numerados,

numa incrível orgia aritmética.

É uma cidade sem poesia.

Em Alegrete, onde mora o Nico?

Ah, o Nico fica logo ali

perto do barzinho do Seu Zeca

que fica ao lado da casa daquela moreninha de tranças

que sabe bordar e cantar.

(Hélio Ricciardi, Nova York & Alegrete).

Num rincão do antigo Continente de São Pedro, na fronteira oeste do estado do Rio Grande do Sul, extremo sul do Brasil, a 400 e poucos quilômetros da capital, Porto Alegre, está uma cidade de ruas delgadas. Quando criada, por certo não houve a preocupação com o tamanho das vias. Ali transitavam apenas carruagens e carroças. Mais tarde, os automóveis se apertavam pelas avenidas do centro. As construções, tanto comerciais como residenciais são de estatura baixa, no máximo quatro andares. Talvez a colonização portuguesa que assim determinou, ou a sua origem dos acampamentos militares. Poucos prédios exibem vários andares, o maior deles é do antigo Meridional.

Uma cidade pacata, perturbada apenas pelo som das tropas que guerrearam por vários ideais ao longo do tempo. Herda os contornos antigos dos tempos da revolução. Em 1842, foi a terceira capital farroupilha, em uma das mais terríveis guerras que este chão presenciou.

As ruas de Alegrete são um tanto estreitas. Quem as projetou teria necessidade, assim tanto, de calor humano? Acho que sim, eu não poderia ter nascido e sobrevivido sem o calor humano que eu sinto nessas ruas.²

Certa vez, o alegretense, Hélio Ricciardi escreveu essas palavras para lembrar que Alegrete traz em si uma peculiaridade: todos se conhecem. É como uma regra, se tu não conheces a filha do João lá do armazém da esquina da Barão do Cerro Largo, por certo conheces a mãe dela que trabalhava no Marquês, que é prima da finada Tia Maria.

As pessoas têm orgulho de falar que vivem na cidade mais gaúcha do Rio Grande. É comum ver animais soltos pela rua e pessoas andando a cavalo. Alguns fazem frete em carroças. As avenidas são estreitas e carregam hospitalidade a cada abraço, e a cada saudação típica da cultura desse lugar.

² Poema de Hélio Ricciardi. Disponível em <<http://assisbrasil.org/joao/helioric.htm>> Acessado em 20 de setembro de 2015.

– E aí chê como é que tá essa força?

As águas do rio Ibirapuitã cortam a cidade ao meio, dividindo entre o “outro lado da ponte” e o centro. Fotografias antigas revelam famílias inteiras banhando-se em suas margens no verão. Uma verdadeira festa em águas que já foram limpas. O Ibicuí, rio das areias brancas, contorna o município e deságua no velho e rico Uruguai, carregando a lembrança de seu passado navegável.

Saudosismos à parte, o baita chão, como Alegrete é carinhosamente chamado pelos alegretenses, guarda suas figuras marcadas no tempo. A zona rural é uma espécie de universo à parte, cada local tem até seu jeito de falar. A terra muda de coloração, e existe uma identidade que distingue o morador de um extremo ao outro do município, da localidade do Durasnal até o Inhanduí.

O Passo Novo, segundo distrito de Alegrete, com a terra de um tom avermelhado, terra do CTG Quero-Quero e do CTG Nico Dorneles, tem o melhor *puchero*³ do interior do estado. A semana farroupilha alegretense é diferente, os costumes do gaúcho são cultuados pela maioria dos moradores. Todo ano, o 20 de setembro, Dia do Gaúcho, é comemorado duas vezes. Dias antes ou dias depois, a cidade inteira se reúne no Passo Novo, dividindo-se entre o Quero-quero ou o Nico Dornelles, uma espécie de separação mantida há décadas.

No extremo oeste do município está Mariano Pinto, quase na divisa com a cidade gaúcha de Maçambará. A terra já muda de cor, puxa mais para um marrom escuro. Seu solo traz muita história que ainda há de ser contada. São muitos casos que exaltam a força de quem tropeava o gado e atravessava o Rio Inhanduí na época das cheias. Talvez por ser mais perto da fronteira, tem seu chão marcado pelas batalhas que outrora a história oficial registrou, e mais outros tantos casos que são contados pelos avós.

Na divisa com Rosário do Sul, mais para o lado leste está o Caverá, palco de muitas batalhas entre maragatos e chimangos, na Revolução Federalista. Terra de Honório Lemes, o Leão do Caverá, vaqueano daqueles contornos ondulados na planície. A Fazenda Subterrânea, localizada em meio ao relevo ondulado, é um lugar literalmente embaixo de uma coxilha. Quem vem em direção à fazenda enxerga apenas uma ondulação no meio do campo, mais acidentada que as outras. Só quando se faz a volta é que nos damos de frente com uma casa grande, a mangueira e mais abaixo, o galpão.

³ O puchero é um prato típico gaúcho, de origem espanhola. Assemelha-se a um pirão, preparado à base de farinha de mandioca, carnes diversas, tutano e temperos. A preparação do prato leva bastante tempo, geralmente cerca de seis ou sete horas até que o prato esteja pronto para servir.

Em meio a esse cenário está o homem do campo. Um personagem que atravessa gerações e foi adotado como modelo por muitos gaúchos e instituições que promovem a cultura desse lugar. Um tipo físico nem sempre vestido de bota de couro e bombacha, como retratado pela história oficial. Mas com roupas confortáveis para a lida do gado e das lavouras de arroz e de soja, principais produtos da região.

A camisa é arremangada, um pouco desalinhada, já poída de várias lavagens. A calça tem um leve rasgado perto da canela, que ao passar pelo espinilho na beira da sanga, ficou enredado. O que importa mesmo para esse gaúcho é o sustento da sua família. Galeano, com suas sábias observações já registrou o tipo característico da região dos pampas gaúchos, que se estende desde o Rio Grande do Sul até as planícies argentinas.

O gaúcho dos postais folclóricos, tema de quadros e poemas, tem pouco a ver com o peão que trabalha na realidade, terras grandes e estranhas. As alpargatas ocupam o lugar das botas de couro; um cinturão comum, ou às vezes um simples barbante, substitui os largos cinturões com adornos de ouro e prata.⁴

Meio dia, e o sol já está tinindo. Desconfiado, Everaldo olha para o relógio no pulso e confirma a hora, os ponteiros marcam que está na hora de seguir rumo a casa. Um descanso para a lida diária na taipa da lavoura. Ontem choveu, e quando se planta arroz é preciso refazer as taipas para que a água não desmanche as mudas recém-nascidas. O homem de tez morena, jeito sossegado e pacato de levar a vida, muito comum dos moradores da campanha, seus gestos trazem certa rudez e simplicidade. O despertador pendurado na parede da sala alerta que o Mensageiro Rural vai começar. Ele pede que as crianças que brincam de esconde-esconde em volta da casa de madeira pintada, cuidadosamente de branco, parem com o barulho.

Veza em sempre, esse mesmo homem gosta de estar bem informado sobre o que acontece na cidade. Agora não existe mais o isolamento total: O campo vai à cidade e a cidade vai ao campo através da voz do locutor de rádio. Apesar de ter trocado de telefone celular no mês passado, não é sempre que o sinal colabora. É preciso saber se tem algum aviso, um recado. Ou quem sabe alguma encomenda por chegar.

- Sossega o pito rapaz! – diz Everaldo para o sobrinho que corria em volta da casa -
Quero ouvir as notícias da cidade, tá começando o Mensageiro Rural.

⁴ GALEANO, Eduardo. As veias abertas da América Latina, 1979, 8ª edição, p.132.

SETE DÉCADAS DE RÁDIO

Aos sete dias do mês de fevereiro de 1947, a rádio Alegrete de prefixo ZYK-210 é fundada por Arnaldo Ballvé, o empresário das comunicações que cria a Rede de Emissoras Reunidas, o principal grupo do interior gaúcho. Os estúdios da rádio funcionavam num prédio modesto de quatro andares, com largas venezianas. Localizado bem no calçadão da cidade, podemos ver algumas das estreitas sacadas do famoso Edifício Galícia.

Lá se vão 68 anos que os fronteiriços escutam a rádio Alegrete diariamente, com programação que vai ao ar todos os dias. Na década de 1970 a rádio Alegrete AM muda-se para Praça Oswaldo Aranha, em frente ao Centro Cultural Adão Ortiz Houayek. Num prédio vistoso de alvenaria e tijolos à vista, com uma larga porta de vidro, os traços demonstram simplicidade e novidade para época em que foi construído. É ali onde funcionam as atuais instalações da Alegrete.

Nas cidades do interior do estado, pouco tempo antes da fundação de emissoras de rádio como conhecemos hoje, uma atividade chama a atenção dos moradores: os serviços de alto-falantes. Uma espécie de veículo de comunicação, comuns nas ruas de pequenas cidades. A divulgação de anúncios da cooperativa de lã, das Casas de Ré, e tantas outras lojas tradicionais da cidade são as manchetes dos alto-falantes. Geralmente estão à frente desse veículo pessoas que além da boa dicção e do vozeirão forte e característico dos locutores antigos de rádio, carregam consigo um carisma que as tornam personalidades muito conhecidas no município.

Aos poucos esse tipo de negócio desperta a atenção de empresários da comunicação, que veem nas “vozes-do-poste” como era conhecido esse serviço, a oportunidade de estabelecer empresas de radiodifusão sonora no interior. As Emissoras Reunidas começam a se desenhar por volta dos anos 1940. A estratégia adotada foi aproveitar os comunicadores locais que utilizavam os alto-falantes, e oferecer treinamento aos interessados em integrar a futura equipe que se formaria.

Assim as novas emissoras de rádio surgem por todos os cantos. As ondas radiofônicas conquistam os lares. O prestígio despertou também a concorrência entre as emissoras. Os horários destinados aos comerciais eram muito disputados, quantias de cruzeiros foram investidos nas programações do veículo que emergia. Mas, além disso, as rádios adversárias investiam em tecnologias disponíveis da época. Era preciso estar atualizado e ter mesas de som mais modernas.

Devido a isso muitas empresas foram surgindo e outras desaparecendo. Com as Emissoras Reunidas não foi diferente. O império de Arnaldo Balvéé começa a se desmembrar sem resistir às lógicas de um mercado cada vez mais exigente.

No início dos anos 1990, o grupo de comunicação, já em posse de menos emissoras de rádio, é assumido pelo empresário Nelson Proença, e recebe o nome de Rede Comunidade. Décadas mais tarde, a antiga Rede de Emissoras Reunidas muda de nome e direção novamente. Desde junho de 2003 ela é chamada de Rede Tchê de Comunicação. A emissora é composta por três emissoras de amplitude modulada nas regiões gaúchas do Alto Uruguai, da Campanha e, da Fronteira Oeste.

Os jornais impressos demoravam muito para chegar até o interior do município. A TV que surgiu em 1950 no Brasil, demorou décadas para iniciar as primeiras transmissões no Rio Grande do Sul. Além de ter custo muito elevado, era artigo de luxo. Diferente do rádio que era acessível, não necessitava de muita antena e custava bem menos. Sua capacidade em reunir as famílias a sua volta, e concentrar a atenção das pessoas, fez com que se tornasse o principal veículo de comunicação do interior do estado.

No início das transmissões, na década de 1940, a abrangência da rádio Alegrete é predominantemente rural. Segundo a estimativa do D.E.S⁵ para 1957, a população residente na cidade era de 49.010 habitantes. Os que residiam no campo somavam 26.730, mais da metade da população total.

- Hoje a zona rural não tem 9 mil habitantes, mas naquela época representava a metade da população. O êxodo rural foi incrível e dá para dizer que o Mensageiro, e a integração que ele realizava, segurou as pessoas no campo - comenta o jornalista Alair Almeida.

O alcance das ondas sonoras sempre teve uma potência boa. Nas localidades mais distantes e também em todos os municípios da fronteira oeste dá para acompanhar a programação da Alegrete. À noite o sinal sempre é mais forte devido ao relevo plano e pouca vegetação. Em noites de ventania é possível ouvir até rádios dos países fronteiriços, Uruguai e Argentina.

O horário que reúne o público rural e urbano para transmitir informações da cidade para o campo ficou marcado através das gerações. A paixão pela rádio foi passando de pai

⁵ Estimativa demográfica publicada na Edição Comemorativa de 111 anos do jornal Gazeta de Alegrete, 2ª ed, 1993.

para filho. Durante três décadas, dia após dia, duas figuras emprestaram a voz para o programa mais característico da rádio Alegrete: A voz de Auri Dornelles e Rafael Villar Rios, chamado por todos de Faeco, viraram referência do rádio alegretense.

Durante pelo menos três vezes ao dia, os ouvintes têm em suas casas informação clara e precisa. Desde a criação da Alegrete até hoje vão ao ar os programas: *Bom dia aos Pagos*, pela manhã, o *Mensageiro Rural*, na faixa da uma da tarde, que era o de maior audiência, e mais adiante o *Entardecer na Querência*.

Esses são os programas irmãos que falam da cidade para o homem do campo e mantém a linguagem das rodas de mate nos galpões das estâncias. Pela manhã cedo, o *Bom dia aos Pagos* já dava os primeiros acordes de avisos.

- *Atenção pessoal lá no Jacaquá, que essa hora já deve tá tirando leite. Meus parabéns pro seu Eliseu e a Dona Neuza pela netinha.*

A faixa da uma hora da tarde até as duas é “sagrada”. Para os moradores do campo ouvir o programa nesse horário é um ritual. Se chegássemos a algum rancho nesse horário, certamente ouviríamos, entre um aviso e outro, Faeco falando sobre a vitória do Grêmio, ou quem sabe o Auri estaria discutindo a arbitragem do jogo do Colorado, ou comentando sobre algum comunicado como gostava de fazer.

Há quase sete décadas o Mensageiro Rural é ouvido pelo homem do campo e da cidade, fazendeiros, peões, caseiros, donas de casa, gente comum. Gente que ouve o mais tradicional programa da rádio do município, quiçá do estado inteiro.

O RÁDIO E O VENTO

Tio Badico, um senhor já de idade, de estatura alta, retacão, de olho bem azul. Da porta de casa, apenas espichando o olhar, ele enxerga o movimento na casa do vizinho. Quando o vento vem do norte, ele até ouve as vozes do pessoal e das crianças. Todos os dias logo depois do almoço vai à casa do Cida tomar uns mates e ouvir os avisos no rádio. É como um compromisso, uma reunião de família em torno de um objeto tão misterioso e ao mesmo tempo celebrado.

A curiosidade tomava conta deles, como que de dentro do rádio saía àquelas vozes e se propagavam pelo ar informando quem estiver ouvindo. Precisavam estar atentos, vá que

chegasse alguma encomenda. Também era de extrema importância saber quem nascia e morria, quem estava noivo, enfim o que acontecia no povo.

Nas estações de rádio do interior, o programa mais ouvido talvez seja o Mensageiro Rural, um programa de mensagens urgentes da cidade para o campo. Como dizia meu avô, é de muita utilidade ouvir o mensageiro, tanto por interesse direto, como indireto, um tipo de mexerico radiofônico.⁶

Às vezes estendia um pouco mais a visita e aproveitava para ouvir o programa de dedicatória, logo após o Mensageiro Rural. O interessado ia até a rádio e mandava dedicar o programa para alguém, sem esquecer de informar as músicas preferidas que seriam tocadas naquele horário. As dedicatórias eram mensagens de felicitações pelo aniversário, batizado, ou qualquer outro momento importante para alguma pessoa querida.

Quando guri, Carlinhos Almeida, radialista por profissão e por paixão, tinha uma curiosidade tremenda em saber como tudo aquilo funcionava. Uma tarde, quando o pai do menino de uns cinco anos saiu para o campo para juntar o gado, e a mãe devia estar na cozinha preparando algum quitute, o guri olha para o rádio, e vai até a caixa de ferramentas do pai buscar algumas coisas.

Com o espírito investigador, pega a chave de fenda, e lentamente começa a abrir o rádio portátil novíssimo de seu pai. Abre e vê que ali dentro não tinha ninguém como era de sua esperança, mas sim várias peças pequenas cuidadosamente arranjadas para garantir a recepções dos sinais sonoros. Quando o pai retorna das lides campeiras vê o estrago, foi aquele alvoroço todo.

- Ora, mas como que as vozes iam sair daquela coisinha pequena, eu queria saber como funcionava!

Quando apareceram os primeiros rádios portáteis era uma verdadeira festa, ora, podia levar para onde quisesse. O transistor, um pequeno objeto metálico, de forma que lembra um garfo com três pontas, revolucionou o sistema de radiodifusão e possibilitou que o rádio fosse levado para onde quiséssemos.

⁶ RODRIGUES, Luiz Odilom Pereira. **Esbarrada Final**. 1 ed. Porto Alegre: Age, 2004

Os primeiros aparelhos radiofônicos funcionavam à bateria, que precisava ser recarregada através de um cata-vento. O rádio não era móvel e geralmente ficava na sala, ou na cozinha, onde todos sentavam por perto para ouvir os avisos. A bateria durava mais ou menos um dia, por isso não era comum passar o dia inteiro com o rádio ligado, porque precisava poupar energia elétrica para o outro dia, caso não houvesse vento.

13:00 - RÁDIO ALEGRETE – DÉCADA DE 1970

Quatro lances de escadas estreitas que parecem não ter fim. Os degraus serpenteavam pelas paredes, eram quase em pé de tão inclinados. Ao chegar no quarto andar, o novato repórter já está esbaforido. Em seu primeiro emprego, é responsável por receber os avisos, ahh... os tão famosos avisos. No prédio onde hoje é a loja Izolan, fundada em 1986, por cerca de 20 anos foi o prédio da rádio Alegrete. Ansioso para realizar as tarefas do dia e, ao mesmo tempo entusiasmado pelo ofício que desempenha, o rapazito sobe as escadas de degraus estreitos do Edifício Galícia, localizado na Rua Gaspar Martins, número 39, no Calçadão de Alegrete e ajuda nas tarefas cotidianas da rádio.

Um dia normal de trabalho nas instalações da Alegrete. Lá fora cai uma chuvinha fina, o repórter está atrás do largo balcão da rádio encarregado de anotar os avisos para depois repassar ao locutor. Eis que chega uma moça chorando desesperadamente, quer por um aviso que o noivo tinha morrido. Prontamente, o sereno e preciso aprendiz de jornalista escreve o nome do falecido, onde está sendo velado, todas as informações que uma nota fúnebre exige.

No outro dia, adentra a recepção da rádio a família do falecido com ele, o “morto”. Primeira coisa que a família fez após ouvir o aviso no rádio foi passar na casa do suposto falecido, depois veio para a rádio. Pelas características do informante reconhecem que a noiva do rapaz é a autora da nota. E colocamos no rádio.

- Como que tu vais saber se é verdade ou não, a moça chorando né?! Acontece que ele brigou com ela e ela para se vingar foi colocar um aviso convidando todo mundo para o enterro. Mas para desfazer o mal entendido, tive que dar uma nota.

- Baarbaridade... vou te contar só aqui no interior mesmo!

Alair Almeida, sempre foi apaixonado pelo ofício do rádio e principalmente pelo jornalismo. É o repórter oficial da cidade. Está presente no lugar dos fatos. Quando há algum acontecimento, o pessoal logo procura as informações na internet. Seu perfil nas redes sociais estampam uma apuração minuciosa e a credibilidade de quem há décadas informa os alegretenses.

Os anos de experiência lhe trouxeram na ponta da caneta e em seu bloco de anotações o discernimento do que é valor-notícia e o que realmente importa para que a população alegretense saiba o que aconteceu. Também, como se procede em casos mais imprevisíveis, como no dia em que fez sua primeira cobertura de um acidente que aconteceu no trevo de saída da cidade.

Graduado em Letras, dá aulas no colégio estadual Oswaldo Aranha. Por 46 anos trabalhou na rádio Alegrete e, mesmo aposentado, continua como correspondente do jornal O Correio do Povo. Uma de suas pretensões é reunir todas as suas matérias em um livro. Era cada uma... É impressionante, tem muita história – relembra Alair.

Os enganos em torno dos avisos também aconteciam muitas vezes por causa da correria do dia-a-dia. Eram muitas as demandas da época. Numa tarde, a família de uma senhora que teve bom atendimento na Santa Casa de Caridade vai até a rádio por um aviso. Queriam agradecer pela atenção e todos os cuidados que enfermeiros e equipe médica tiveram com a senhora.

O relógio da parede da recepção informa que já é quase uma da tarde, e Alair não tem tempo de apontar direito, pois precisa entregar os avisos para os locutores antes que o programa comece. Na correria leu que se tratava de hospital, e deduziu então que se tratava de um óbito. Redigiu uma nota de falecimento. Posteriormente, também teve que corrigir o mal-entendido.

O primeiro rádio portátil que lembra ter visto era um modelo antigo, o primeiro que apareceu com alça, para ser levado à meia espalda. Alair era guri ainda e lembra bem das feições de seu pai quando ia para a lida diária do campo, levando o rádio pendurado no ombro, pois não podia perder os avisos do Mensageiro Rural. Quando marcava duas da tarde no relógio, sua mãe aguardava ansiosa o desenrolar da radionovela que era transmitida.

ATENÇÃO ESCRIVÃO... LÁPIS E PAPEL NA MÃO!

No tempo antigo, como dizem pros lados da fronteira, os casais tinham de 10 filhos para mais, famílias grandes povoavam os vastos campos. Os mais velhos cuidavam dos pequenos, enquanto os pais iam para a lavoura. Clareou o tempo, depois de um temporal, já baixou um pouco da poeira na estrada, seu Manoel decide ir registrar a gurizada, eram três pequenos que estavam sem registro de nascimento. Encilha o cavalo e vai a trotezito à Conceição, uma localidade no interior do município. Sempre que seu Manoel passa pelo cartório e encontra seu Fidêncio Nogueira na porta mateando, já anunciava.

- Nasceu mais uma menina, outro dia venho registrar!

-Feito! Aparece... ouvi no Mensageiro o nascimento da tua guria mais nova - responde o escrivão.

Devido à abrangência da rádio na zona rural, quando uma criança nascia na família, os pais mandavam um aviso para ser lido no Mensageiro, a chamada participação de nascimento, momento que era escutado com atenção pelos ouvintes. Antigamente as crianças não eram registradas logo após o nascimento, demorava um tempo, até mesmo alguns anos.

O Cartório de Registro Civil, na zona rural de Alegrete, mais precisamente na região da Conceição, há uns 30 quilômetros da cidade, registrou muitos casamentos, certidões de óbito, de nascimento, e outros tantos documentos foram lavrados ali.

Diariamente, quando o sol estava a pino e anunciava uma da tarde, o escrivão distrital da Conceição, seu Fidêncio Moraes Nogueira já começa a sintonizar o radinho à pilha, de cor cinza, aliás a maioria dos aparelhos eletrônicos ou eram pretos ou acinzentados. O senhor de meia idade tem que estar sempre atento às participações de nascimento.

Muita gente foi registrada através do Mensageiro Rural. Auri Dornelles ao ler os nascimentos do dia, repetia a mesma frase que se tornou característica no programa, a maneira de chamar a atenção do amigo para anotar com exatidão o nome da criança.

- Atenção seu escrivão... lápis e papel na mão! A família Freitas noticia com alegria a participação de nascimento de uma linda menina... Jocelaine.

ALEGRETE, 25 DE JUNHO DE 2015.

Vitrines exibem roupas, calçados à venda. Cartazes coloridos são postos em frentes às lojas para chamar atenção de quem passa. Uma quadra fechada para a passagem de carros povoada com lojas de árabes, bijouterias, pequenas sorveterias, ópticas. Numa ponta o banco Santander e na outra, o Banrisul. O clube Caixerai, famoso na cidade por seu carnaval, também está lá. De ponta a ponta podemos ver alguns cachorros, mas um elemento é possível observar quase todos os dias: o vento incessante. Principalmente em suas extremidades, é conhecido popularmente como ventilador dos pobres.

Alguns bancos de cor laranja foram colocados ao centro da rua para quem quiser aproveitar o final de semana para tomar mate. Todas as manhãs um grupo de aposentados conversa despreocupadamente. Quem passa pelo calçadão de Alegrete todos os dias vê a mesma cena. Os assuntos em pauta nos encontros diários são os mesmos: o resultado do jogo de ontem, a aposta da mega-sena, a filha do fulano que casou ou o filho do beltrano que ‘tirava’ Agronomia, se formou.

Manhã de junho, o sol estava estranho, daqueles que anunciam chuva, além de estar abafado. Os ruídos do ambiente faziam parte do cenário da entrevista. Em um dos bancos laranja, em frente à antiga CRT⁷, um grupo conversa como se estivesse na sala de casa. Entre eles está um homem de estatura baixa, voz firme e destacada que denuncia a figura de radialista.

- No começo é como se eu não tivesse nome, por que sempre era chamado de Aurizinho, ou o filho do Auri Dorneles.

Com o passar do tempo e o trabalho diário na rádio, Iauri Dias é reconhecido pelos ouvintes, ao escutarem sua voz quando o encontram na rua. Aos 54 anos, aposentado desde 2004, gosta de lembrar os tempos que apresentou o Mensageiro e a paixão que tem pelo ofício do rádio. Comecei em 1988, após a saída do meu pai e do Faeco. Apresentei o programa por 22 anos, já os dois passaram dos 30 no ar. Um comunicado mesmo que às vezes fosse sério, eles tinham um jeito de dar aquela notícia. Eu como era filho herdei e continuou aquela brincadeira.

⁷ Companhia Riograndense de Telecomunicações, primeira companhia brasileira de telefonia a ser privatizada em 1998, pela empresa Telefónica. Desde 2008 pertence à Oi.

Auri, pai de Iauri lê o aviso que o seu João estava mal no hospital, mas o doutor alertou ao locutor que não era para assustar a família, pois a esposa do paciente sofria de problemas no coração e não pode saber de uma notícia dessas, ainda mais, assim pelo rádio.

- Atenção... seu João no interior do município, localidade do Rincão do 28, venha urgente que a mãe não passa bem.

No exato momento em que lia o comunicado, a secretária adentra no estúdio e entrega a nota de falecimento. Meu pai aproveitou e disse: não se preocupe, mas já pode vir de luto. Aquilo era uma brincadeira, mas as pessoas aceitavam.

Nos anos 1990 durante o mandato de vereador, Iauri Dias criou o Troféu Mensageiro Rural, uma forma de homenagear os colaboradores e ouvintes que acompanhavam a trajetória do programa. Dez pessoas eram escolhidas, geralmente patrões de CTG, ouvintes assíduos, quem manda mais avisos e pessoas queridas e muito conhecidas dos apresentadores. Infelizmente, o projeto não teve seguimento. Restam algumas fotografias já judiadas pelo tempo e, muitas histórias para contar dos bailes campeiros pilchados à capricho, que comemoravam não só o recebimento de um troféu, mas a reunião de famílias para celebrar a importância do rádio em suas vidas.

O hábito das pessoas do interior do município mudava em função do Mensageiro que era tão forte... é...hoje não é tanto. Ou a pessoa sesteava antes da uma, ou após as duas tarde para não perder o programa. Por vezes, alguém ficava escutando o rádio para depois passar as informações. Caso alguém perdia os avisos, um peão da estância, ou algum familiar, ia a outro estabelecimento avisar:

- Ó tão te chamando no rádio.

AVISO: A NOTÍCIA PARA O HOMEM DO CAMPO

Atenção, no interior

Nico Changueiro, onde se encontrar

Peço que venhas ou mande dinheiro

Quem ouvir esse, favor avisar...

*É a livreta do armazém, é o remédio prá comprar
 É um piá que não passa bem, é outro que vai chegar
 É o dono do terreno, que ameaça outra vez
 É mais um fim de mês, são as contas prá pagar
 É a vida a lhe cobrar, sempre mais suor e vintém
 E o mundo a lhe negar as poucas chances que tem.*

*No aviso do rádio, a verdade crua...
 Na eterna esperança, de melhores dias
 Beijos das crianças, abraços... Maria.⁸*

Naquela época era tudo escrito à mão. A secretária atrás do balcão na recepção da Alegrete aguarda os ouvintes que chegam afoitos para deixar um aviso. Pega uma ficha de papel e anota cuidadosamente o que lhe é dito. Nesse momento chega um senhor de campanha, com aquela serenidade típica dos fronteiriços, pilchado a capricho.

- Manda dizer que é pro João lá nos Pinheiros me esperar na porteira, que to indo no ônibus das quatro com o rancho.

A moça escreve apressadamente, pois ainda precisa datilografar, para depois levar até o estúdio. Quinze para uma da tarde, já estavam definidos mais ou menos uns dez a quinze comunicados que seriam lidos no ar. Mariana Concórdia, integrante da equipe da rádio, e também a primeira mulher a ocupar o cargo de operadora de som na emissora, abre os microfones e sinaliza que o Mensageiro Rural está no ar.

O programa começa, Faeco anuncia que o céu é claro no Alegrete hoje. Assim aviso por aviso era lido pelos locutores, quando o programa está quase no fim mais avisos chegavam. Seu Vilmar adentra a rádio correndo, precisa passar um aviso naquele horário, para o caseiro ficar mais um dia, por que ele vai demorar na cidade, precisa resolver uns papéis. Era assim dia após dia, uma correria.

Os avisos podem ser considerados um gênero informativo, uma espécie de notícia com frases curtas e concisas, com o objetivo de comunicar um familiar, amigo ou quem quer que

⁸ Trecho da música **Comunicado**, Francisco Alves, Sílvio Aymone Genro, canção interpretada na 13ª Califórnia da Canção Nativa de Uruguaiana.

fosse sobre determinado assunto. A espera de algum parente na porteira, a notícia de quem nascia, a participação de noivado, notas de falecimento, ou alguma encomenda. O aviso geralmente iniciava dizendo:

- Atenção no interior, quem ouvir este favor avisar...

Os armazéns e bolichos de campanha existiam muito na zona rural e vendiam de tudo. Os estabelecimentos tinham o necessário, mas mesmo assim o rancho era feito na cidade. Genauro Freitas que morou no interior do município durante a infância e parte da juventude, no passo do Mariano Pinto e em toda aquela região, conta que era preciso ir à cidade para comprar farinha, arroz, feijão e também comida para os animais.

Em dias de muita chuarada o Inhanduí enchia, não dava para passar para o outro lado. A ponte era muito antiga, e não tinha necessidade de se arriscar tanto. Então as pessoas que estavam na cidade mandavam um aviso no Mensageiro que voltariam no outro dia.

Só quando rio baixasse era possível fazer a travessia. E a maneira de avisar que o sujeito ia ter que ficar na cidade por mais uns dias, era ir até a rádio e passar um aviso – conta Genauro.

Dos programas da Rádio Alegrete, o mais tradicional de todos era o Mensageiro Rural, o elo da cidade com a zona rural. O programa começou junto com a inauguração da rádio, com uma característica que marcou muito: a interpretação do aviso. A forma que o locutor se comunica com o interior, utilizando a linguagem falada nos galpões, a direção da rádio sempre procurou manter.

Na correria de noticiar, Faeco e Auri, muitas vezes se atrapalhavam, os números se multiplicavam, e ambiguidades aconteciam muito. Os erros no rádio se perpetuaram e viraram lendas locais.

Tu pega um aviso como a pessoa escreveu, a maioria não sabia escrever direito, na hora de ler saía como estava escrito, e foi o que caracterizou o Mensageiro Rural – diz Carlinhos Almeida.

Auri sempre acrescentava um comentário nos avisos, era o diferencial dele conta Cabeto, outro apresentador do Mensageiro. Às vezes uma vírgula mal colocada, e muitas coisas engraçadas aconteciam.

Início de mês, uma senhora vai à cidade com o marido, primeira parada é na Cooperativa Rural, vão comprar tripa seca para fazer linguiça, e mais algumas *quintumâncias* para a festa. Prática comum entre os moradores do interior do município, afinal a filha mais

velha do casal ia se casar e, quando tinha festa grande na casa o motivo ou era casamento ou aniversário.

Com as compras já feitas o marido foi pra fora, e ela ficou mais um dia, queria visitar uns parentes que há muito tempo não via. Nesse meio tempo a Dona Maria passa mal e precisa ir ao médico, está com fortes dores abdominais. Chegando lá, quem a atende é o Dr. Romário, médico muito conhecido na cidade e respeitado por seu trabalho. Ele dá o diagnóstico: apendicite. Dona Maria precisa baixar o hospital e operar o mais rápido possível. Então, a senhora precisou fazer uma cirurgia e não pode retornar para casa no mesmo dia. Preocupada em dar notícia para a família, ela resolve mandar um aviso.

- Atenção no interior, a Dona Maria mandou avisar que passou mal, teve que fazer uma cirurgia e passa bem. Mas as tripas vão pelo ônibus das cinco.

Outro aviso clássico do Mensageiro Rural, que a maioria dos ouvintes certamente lembra é a notícia de um remate. Em Alegrete, escritórios de remates sempre existiram e era muito comum anunciarem pelo rádio os leilões. A forma dos produtores e os pecuaristas saberem o que estava sendo ofertado era pelo programa. Eu nunca me esqueço, fui operador de rádio também, trabalhava como locutor nessa época. O Auri passou um aviso dum remate da Agenda, no parque Lauro Dornelles. Eram borregos de 2, 4 e 6 dentes, informações comuns em todo aviso desse ramo. Carlinhos Almeida, conta esse episódio envolvendo os avisos e a correria na leitura dos avisos. A secretária que escreveu o aviso, acho eu, que se esqueceu de por a vírgula, e o Auri leu:

- Atenção, a Agenda convida para um remate no parque Lauro Dornelles, com borregos de... 246 dentes... mas que borreguinho dentuço!

E o meu pai para sacanear a secretária leu, ovelha de 246 dentes. Então eles brincam que veio gente da China pra comprar a tal ovelha por que era muito grande. Imagina uma ovelha com 246 dentes! Ele aproveitou para chamar a atenção da secretária no ar, e virou um clássico do programa, uma forma de brincadeira que as pessoas lembram até hoje - conta Iauri Dias.

Mas era horror de aviso que dava, credo! Tinha dias que o programa era só de aviso, quase não tinha tempo para por música. Às vezes no finalzinho do Mensageiro dava para

tocar alguma coisa, mas era difícil, os avisos tomavam conta. Na época de mais pique do programa quando dava para tocar duas músicas era uma festa - diz Alair Almeida.

FAECO E AURI DORNELLES: TRÊS DÉCADAS NO AR

Do lado direito da mesa está sentado um homem grande, moreno, de cabelos crespos, e presença inconfundível. É bem gritão, um tipo comunicativo, impossível não ser notado por onde passava, conhecia meio Alegrete. Seu jeito lembra muito o das pessoas que moram no interior, acostumadas a falar alto. Auri Severo Dornelles gostava de tocar flauta nos amigos, principalmente em dia de Grenal. Entre um aviso e outro, sempre tinha que expor seu comentário, não podia ser lido a seco. Por sua destacada popularidade chegou a apresentar um programa de auditório no extinto Cine Continente, conhecido como pulguedo.

No outro lado, está Rafael Villar Rios, conhecido por Faeco, de estatura mais baixa que o colega, igualmente ostenta o vozeirão característico dos homens que trabalham no rádio. Suas características pessoais são completamente opostas as do companheiro. Bem mais reservado que o colega, sua voz é calma e plácida, fala pausadamente. Usa óculos de armação fina que combina com os traços de seu rosto, nunca foi de grandes auês.

Em toda a minha juventude o Faeco foi presidente do Caixeiral, clube importante da cidade, por mais de 20 anos. Era uma pessoa muito boa, humana, o conheci desde criança e gostava muito dele. Os dois tinham grande diferença de idade, o Auri era bem mais novo. Sabe a loja Alternativa? Era a casa de um irmão do Faeco, funcionava ali uma loja de cristais de louças – relembra Gilda Freitas, ouvinte dos programas apresentado por Faeco.

O Mensageiro Rural, assim como o que era falado no rádio pelos locutores serviam de referência aos ouvintes. O que era dito nos avisos era lei. Não raro, os apresentadores recebiam carne, mandioca, batata, melancia, e outros presentes em retribuição ao trabalho público que realizavam.

Na época em que estive lá o Mensageiro era o programa de maior audiência do rádio na fronteira oeste. Para mim, foi o único de todos os tempos da era do rádio, que se notabilizou pelos apresentadores que teve. Por que tanto o Auri quanto o Faeco, falavam a língua do homem e da mulher do campo – destaca Cabeto.

O que tu dizia no rádio as pessoas faziam, se dissesse às 4 horas da tarde o ônibus vai passar na porteira, a pessoa já estava na estrada esperando - relata Iauri. Um dia o meu pai tava mandando um aviso para determinado local:

- Atenção lá no Jacaquá, seu João manda dizer: Estou saindo da cidade me espere a cavalo na porteira.

Chegando lá o homem viu que o peão tava acavalado na porteira, com o cavalo encilhadito no lado.

- Mas o que tu tá fazendo aí? Acavalado na porteira maluco.

- Ué, o seu Auri disse que era pra tá a cavalo na porteira.

A rádio tem alcance muito grande, a região inteira ouvia o Mensageiro. Nos anos 1970, 1980, o programa se caracterizou como um dos mais fortes da região. O apresentador já tinha aquela característica, cada um dava a sua cara, era o Mensageiro Rural, por fulano de tal. A direção tinha que ter um cuidado muito grande ao substituir os apresentadores. Mesmo de personalidade opostas Auri e Faeco completavam-se quando estavam no ar.

Cada um lia um aviso, e ficava mais rápido. Eu acho que hoje tinha que ser assim, com dois locutores. O entretenimento, a descontração, a variedade de duas vozes fica bonito. Eu gostaria de um dia ver um programa assim com duas pessoas - afirma Carlinhos Almeida.

Faeco e Auri Dornelles foram mestres do rádio no Alegrete, a raiz do Mensageiro Rural. Na época em que Cabeto trabalhava na emissora há dois anos o programa continuava o de maior audiência do rádio na fronteira oeste.

O horário da uma às duas da tarde ficou marcado por duas vozes que já se encantaram. Há 16 anos Auri foi para a internada dos céus, como dizem no Alegrete. Em 12 de setembro de 2011, Faeco também deixou nosso plano existencial, e foi noticiar quem sabe por outros pampas.

GRENAL – TEIXEIRINHA X GILDO DE FREITAS

Os primeiros apresentadores, Faeco e Auri Dornelles, mantinham uma ferrenha competitividade tratada com naturalidade. Os apresentadores eram opostos no time, no partido político e na preferência musical. No dia seguinte aos jogos do Internacional, ou do Grêmio, os ouvintes mandavam muitos avisos para o programa, como uma brincadeira ao time adversário. A ideia era que cada locutor lesse o aviso de seu time adversário. O fato mais curioso é que Faeco era gremista fanático, e Auri, colorado.

Eu era o contrário do meu pai, ele era colorado, e eu sou gremista. Na realidade quem mais me incentivou a trabalhar no horário rural, foi o Faeco, sou gremista e radialista por conta dele. Quando tinha jogo no final de semana, na segunda, se tocava muita flauta. Um tinha que ler o aviso do time adversário, era uma farra - relata Iauri Dias.

Era uma tocação de flauta, barbaridade! E o pessoal gostava. O Mensageiro tinha esse formato, uma parte de humor, de gozação, de esporte, que era a marca registrada - comenta Carlinhos Almeida.

Os artistas preferidos de cada um dos apresentadores, também disputavam a audiência nas rádios da época. Auri Dornelles era fã de Vitor Mateus Teixeira, o Teixeirinha, considerado um fenômeno massivo do regionalismo do Rio Grande do Sul, nas décadas de 60 e 70, trazia em suas músicas e filmes um tom popularesco. Estava na programação da maioria das rádios gaúchas, ao todo vendeu 18 milhões de discos, e se apresentava em emissoras de cidades gaúchas como Estrela, Lajeado, Rio Pardo, Santa Cruz do Sul e Taquara.

Coração de Luto é uma das músicas mais famosas, mas o sucesso popular do cantor foi contestado, e chegou a ser considerado pelos críticos da época, sertanejo e não tradicionalista, pelas letras expressas em suas canções. A decadência do espetáculo radiofônico começa a ser realidade nas emissoras. Aos poucos esses programas apresentados para um grande público presente, passam a ser transmitidos do estúdio. Teixeirinha se destaca em emissoras de Porto Alegre, em programas que divulgam suas canções, mais tarde, forma dupla com a acordeonista Mary Terezinha.

Faeco era fã incondicional de outro cantor da época, Gildo de Freitas, nome artístico de Leovegildo José de Freitas. Possuía um estilo muito próximo ao de Teixeirinha, com quem, apesar de algumas divergências fez parcerias em diversas canções. Gildo trabalhou em diversas profissões, mas a rigor era um trovador e cantador popular. Inclusive, existe uma modalidade na trova gaúcha, que é chamada Estilo Gildo de Freitas, em que os cantores improvisam em torno da composição *Definição do Grito*, estrofes de 9 versos em redondilha maior, com rima no 2º, 4º, 6º e 9º versos e 7º e 8º entre si. O dia quatro de dezembro data de seu falecimento, foi instituído como Dia Estadual do Poeta Repentista Gaúcho, no Rio Grande do Sul, pela Lei Estadual número 8.819 de 1989.

- Sempre tinha essa alternância das músicas que tocavam no programa, ou era Teixeirinha ou Gildo.

“- O DANTE CANTOU E O PIOLA DANÇOU...”

Desde o seu surgimento nos anos 1900, o rádio mexe com as massas. Utilizado como propaganda política em muitos regimes, ainda conserva o tom de apelo, capaz de despertar a solidariedade e a mobilização dos ouvintes. A campanha para arrecadar mantimentos para desabrigados, remédios para a senhora que não tem como comprar, ou uma cadeira de rodas: o assistencialismo feito pelo rádio é comum em cidades do interior. Os serviços que os locutores já prestam à sociedade são levados para vida pública como planos de carreira. Realizar essas pequenas ajudas, que muitas vezes é a única que os ouvintes podem recorrer, é também um meio de promover a imagem e consagrar os comunicadores locais.

As grandes vozes do rádio alegretense, também ecoaram nas mesas da Câmara de Vereadores. A influência do programa na vida dos habitantes do campo e da cidade possibilitou que quase todos apresentadores do programa também seguissem a carreira política como uma sina. O engajamento político anseia trazer melhorias para a vida da comunidade, em mobilizar essas pessoas em prol de seus ideais. Assim, Faeco, Auri, Carlinhos Almeida, Cabeto, uniram política e rádio, duas paixões e atribuições que cultivam paralelamente.

As campanhas políticas em anos anteriores, sempre foram grandes eventos que reúnem muitas pessoas. São dias inteiros de discursos, música, uma verdadeira festa. A maioria dos candidatos utilizava trio-elétrico para divulgar seus planos de carreira além de mobilizar a população. Na campanha de Adão Piola para prefeito de Alegrete, em 1988, durante o período eleitoral, o cantor argentino naturalizado brasileiro Dante Ramón Ledesma sobe aos palcos dos trios para animar a campanha e defender a bandeira de seu candidato. As eleições diretas eram novidade ainda, a abertura política despertava nas pessoas a participação fervorosa nos comícios. Nas eleições do mesmo ano, Adão Ortiz Houayek, apelidado de Piola, por ter uma loja de caça e pesca, foi derrotado por José Rubens Pillar.

A tarde recém começa, está um mormaço típico do verão no Alegrete. O conhecido Acampamento do Piola, o tradicional grupo que se reunia para pescar está às margens do Ibicuí. Nesta tarde, o motivo é especial, era o “retiro de luto”, encontro apelidado pelos integrantes, pois o candidato foi derrotado por seu adversário, e eles só querem pescar e esquecer o acontecido. O único meio de comunicação que tinham era o Auri através do Mensageiro Rural. Bráulio Marques, um dos integrantes do famoso acampamento, ao escrever na coluna Painel do jornal *Expresso Minuano*, relembra o episódio.

Enquanto cevam um mate, sentados em roda, sintonizam a 590 AM.

- Atenção seu Adão e pessoal do acampamento. Passei agora por uma faixa estendida na rua, em frente da Portuguesa, na Barão do Amazonas que diz: “O trio elétrico tocou, o Dante cantou e o Piola dançou.” Achei isso um desrespeito com o senhor.

Os homens do acampamento por certo se esconderam para rir da piada feita pelo locutor, mas não querem desrespeitar o amigo. O Auri foi genial nessa flauta, prática que faz parte do mundo do futebol, e por que não da política.

Leonel Brizolla, governador do estado no ano de 1961, foi líder do Movimento da Legalidade, período expressivo na história do Rio Grande do Sul. Ele também foi destaque de um aviso no Mensageiro Rural. Mas ora se não! Mesmo que tenha sido por um pequeno engano.

De manhã cedo seu Davi, morador antigo do Mariano Pinto, lindeiro com os campos do seu Flores, tinha um filho chamado Leonel. O senhor de campanha fez o rancho do mês e precisou avisar o filho que esperasse na porteira para ajudar com as compras, já não era tão novo para levar tudo sozinho. Prefere ir até a Alegrete, e põe um aviso.

Isso era na época da ditadura, e o outro Leonel, o famoso Leonel Brizolla certamente deveria estar até no exílio – relata Mara Melgarejo. Eu só sei deve ter sido uma confusão na hora que o locutor leu.

– Atenção Leonel Brizolla, favor esperar seu Davi que vai no ônibus das 4.

ATENDE ESTE TEU CELULAR... QUERO FALAR CONTIGO!

Qual é a era de ouro do rádio? A em que cada ouvinte viveu e está vivendo a sua grande aventura sonora: dos pioneiros e seus ideais de difusão cultural à segmentação dos conteúdos em mil possibilidades, sem esquecer do espetáculo das novelas, dos humorísticos e dos programas de auditório.⁹

⁹ FERRARETO, Luiz Artur. Uma História do Rádio no Rio Grande do Sul. Disponível em: <<http://www.radionors.jor.br/search/label/Prim%C3%B3rdios>>

Assim como o mate, costumeiro de todas as manhãs, o rádio é mais que um hábito diário, é a garantia de estar informado sobre os acontecimentos da cidade e do interior. Também a oportunidade de mandar um aviso para noticiar a alguém que está longe o que se passou. Nove décadas de radiodifusão no Rio Grande do Sul, no Mensageiro já somam sete. Restam sempre muitas histórias para contar.

Os meios de comunicação e as pessoas evoluíram, dos rádios movidos a cata-vento à smartphones, tudo a seu tempo. A radiodifusão sonora se sofisticou, passando por períodos de apogeu e decadência, mas segue sobrevivendo à lógica de mercado, se fortalecendo a cada dia sem perder sua função.

A cobertura telefônica, em pleno século XXI ainda é bastante precária, principalmente em regiões mais longínquas. As companhias de telefone não conseguem abranger todas as localidades e o sinal é muito fraco e, dependendo do lugar até inexistente. A alternativa é instalar uma antena de uns 4 metros de altura para mais, ou então, recorrer a típica cena que se repete até hoje, em que o sujeito precisa subir em algum poste, ou ir até a coxilha mais própria. Algum ponto elevado para conversar no telefone.

O Mensageiro tem duração de 90 minutos, são dois ou três comunicados, por que não existe mais aquela necessidade de se falar apenas pelo rádio. Por que eu vou botar um aviso se posso falar pelo celular. Mas olha, até os anos 80 por aí, por que aqui o telefone celular chegou em 96, o Mensageiro foi o principal canal de comunicação da cidade com o interior - afirma Alair Almeida.

Os ex-apresentadores são unânimes em dizer que o celular terminou com os avisos, a marca registrada do Mensageiro. Mas apesar dessa evolução, o programa ainda segue no ar, mostrando que as adaptações são necessárias sem deixar que o horário perca suas características importantes.

Alegrete é o maior município em extensão territorial do estado, o que dificulta o acesso à telefonia móvel em certas localidades, mas isso não é um impedimento para a comunicação entre seus habitantes, pois o Mensageiro Rural continua a cumprir seu objetivo.

Carlos Almeida, conhecido como Carlinhos, também apresentador do Mensageiro Rural e, justamente na época em que apareceram os telefones celulares, no início dos anos 2000. Trabalhou 42 anos na rádio, atualmente é vereador. Durante oito anos esteve à frente do Mensageiro.

Não tinha a modernidade, hoje qualquer um tem celular. Tudo que as pessoas faziam, comunicavam pelo Mensageiro. Passavam na rádio e deixavam um aviso. Nos pólos tinha o orelhão, um telefone público que funciona através da inserção de um cartão com créditos, lá

de vez em quando o cristão se lembrava que tinha. Mas antigamente era só o programa - relembra Iauri Dias.

Mais otimista que os colegas, Cabeto diz que mesmo com o celular, as pessoas ainda precisam dos avisos. Quando surgiu o celular as pessoas diziam que o mensageiro ia terminar, mas sempre tem alguém que se esquece de ligar o telefone, e quem está cidade tem que avisar pro vivente ficar atento no celular, então eu tinha que dizer sempre:

- Ô animalzinho vivente aperta o botão do celular. Bacudinho!! Aperta aquele botão verde do telefone, que é para atender a ligação. Teu compadre quer falar contigo - conta o radialista.

Carlos Alberto Duarte, o Cabeto, é outra figura do rádio, tem a voz marcada e que se acentua a cada palavra, seguindo o ritmo característico de quem é da fronteira. Autor de muitas histórias engraçadas trabalhou por anos na rádio Alegrete. Defendeu o Mensageiro Rural na época em que o celular já existia. Não existia o modernismo do telefone celular como tem hoje, então o mensageiro era considerado um programa *top line* – afirma Cabeto.

Vou te contar uma história que aconteceu comigo, o falecido José Augusto Ferrari, um ícone do alegrete, que tá fazendo falta inclusive. Numa certa feita, isso era uma sexta-feira, ele me telefona, me chamava de bicho.

- Bicho, aqui é o José Augusto.

- E aí tudo bem, que que manda?

- Tchê me avisa aí que eu to com um problema. A cozinheira da estância adoeceu, mas que o pessoal não se preocupe que eu to mandando o almoço e a janta de hoje pelo fax.

Fax ou telecópia é uma tecnologia moderna das telecomunicações dos anos 2000 usada para a transferência remota de documentos através da rede telefônica. Um recado que se mandava através do telefone.

Cabeto obedece à ordem, coloca o aviso no Mensageiro Rural. Mas credo! Foi um horror de telefonema. Tchê Cabeto que barbaridade, como que vão mandar a comida pelo fax! Olha, é o José Augusto que tá mandando pelo fax. No *Entardecer na Querência*, a mesma coisa, tive que por novamente o aviso.

- Atenção a janta hoje vai pelo fax. Assina José Augusto Ferrari.

E coloquei no outro dia de novo.

- Ó, o Mensageiro Rural avisa que José Augusto Ferrari que hoje o almoço vai pelo fax, a cozinheira ainda não melhorou está acamada.

Sábado ele me telefona:

- Bicho! É o José Augusto.
- Que tu quer chê? O pessoal quer saber que história é essa desse tal do fax.
- Eu vou aí hoje.
- Tudo bem, vou te esperar.

José Augusto Ferrari foi uma pessoa fora do tempo dele, pessoa carinhosa e educada, tinha tudo que o gaúcho tinha, um cara simples e bom de coração. Assim Cabeto descreve cuidadosamente o amigo, espera não esquecer nenhum detalhe.

- Agora tu vai explicar ao vivo, como que tu vai mandar a bóia pelo fax - diz Cabeto, e passa o microfone ao José Augusto.
- Boa tarde pessoal, eu quero avisar pra vocês, que hoje, por exemplo, ao meio dia a comida foi pelo fax e de noite não vai precisar – pausa propositalmente e continua - Mas quero dizer pra vocês o seguinte: que o fax que eu to mandando a comida é o apelido do filho do meu capataz. É um rapaz que leva a comida pros empregados.

Por certo naquele horário a fronteira oeste do estado caiu na risada, ninguém imaginava quem era o tal de fax, e muito menos que seria o apelido de um rapaz. Em praticamente toda a fronteira oeste do Rio Grande do Sul, a mesma cena se repete, se há oito homens no galpão à beira do fogão à lenha, mateando e ouvindo o Mensageiro, quando sai um aviso desejando um abraço para um, logo todo mundo olha para aquele cara, ele é um privilegiado. Então essa lembrança que o rádio dá é que motiva as pessoas à naquele horário estarem ligados - ressalta Cabeto.

Mesmo depois de quase duas décadas do surgimento do celular, o rádio ainda emociona o ouvinte que se identifica com o Mensageiro Rural. A cena é comum e se repete até hoje, peão e patrão sentem-se lisonjeados ao ouvirem seus nomes pela voz do locutor.

– O seu Augusto manda um abraço para o Jorge lá no Rincão de São Miguel.

Quando Cabeto ainda apresentava o programa convidou Faeco, a fim de relembrar os tempos a frente do Mensageiro. Todo mês participava de uma edição no estúdio, comentava um aviso, e falava sobre sua experiência. Imaginemos a faceirice do locutor que por três décadas esteve no rádio informando os alegretenses, o Mensageiro Rural era a vida dele.

Mesmo com tantas tecnologias à base de um clique, smartphones e outras tantas coisas que mal sabemos para que serve, o rádio continua ocupando seu lugar no coração de cada ouvinte, independente da faixa etária. Pode não ser mais o aparelho, já judiado com o tempo, com a régua para sintonizar, companheiro de muitas partidas de futebol, mas o próprio celular traz em si a opção de ouvir rádio.

Os dispositivos mudaram, isso é verdade, mas a essência dos programas radiofônicos estão longe de terminar. A proximidade que os locutores têm com seus ouvintes, é inigualável, é como se o Auri Dornelles e Faeco falasse com a grande audiência como um todo, sem deixar de dar importância a cada morador no interior de suas casas.

O rádio juntou-se à internet, incorporou outros recursos, mas ainda é capaz de prender a atenção. Assim como os atemporais avisos do Mensageiro Rural. Quem sabe daqui a dez anos, ainda será agradável ouvir quem acabou de nascer na cidade, o aviso de um remate, ou um convite para um baile.

Como no rádio tudo vai para o ar, o que fica é o que as pessoas contam depois.

Alair Almeida

MENSAGEIRO RURAL DO ALEGRETE

O cheiro de terra molhada característico da chuva de hoje pela manhã lembra os aromas de infância. Os bem-te-vis correm faceiros com a previsão de chuva que estava prometida há dias. Na cozinha estreita, com a janela de vidros crespos, após o almoço, agora se encontram uma senhora ao longo de suas oito décadas de vida. Com voz calma, mas firme mesmo com os anos já vividos, conversa com a neta que pergunta sobre tudo, principalmente sobre o passado. Quer saber das histórias, dos avisos que ela já mandou.

Mesmo com as paredes de cores claras, o ambiente está escuro por que se arma mais um temporal. Da porta aberta vem um vento característico, promete mais frio. Hoje combinaram de ouvir o Mensageiro Rural e juntas esperam ansiosamente que algum aviso possa interessar. Quem sabe soubessem de alguma notícia importante, ficaram atentas.

A neta cursa Jornalismo e tem mania de anotar tudo que considera importante, pega o celular e sinaliza que vai gravar, depois quer ouvir melhor em casa, e registrar o momento. A conversa fluía, as histórias de família surgem e sempre revelam algo ainda desconhecido.

- A senhora já mandou algum aviso?

Mas olha... uns quantos. Uma vez o teu tio Sales tinha fugido de casa, foi pra fora com um vizinho do teu avô e não avisou. O aviso dizia que era para o seu Cida do Mariano Pinto, vir pra cidade porque o seu filho tinha fugido. Quando ele chegou na ponte seca, lá estava o Sales na carroceria de um caminhão, bem belo, já estava de volta.

Enquanto coloca os últimos pratos e talheres no escorredor, continua a conversa. Mas vai me perguntando, que o que eu for lembrando eu vou te contando aos poucos. Eu mandava muitos avisos para a campanha, quando vinha para a cidade com as crianças, eu ficava na Ilda, e sempre mandava aviso para o Chico, principalmente para pedir que ele mandasse carne pelo ônibus, e eu escrevia assim:

- Atenção, no Mariano Pinto, seu Assis, favor mandar carne pelo ônibus que a Dona Giselda vai buscar na ponte seca.

Tia Quinca acende as luzes, e vai em direção ao rádio, o velho amigo que em tantas tardes embalou sua vida. Vestia uma calça de abrigo azul-marinho, o calçado era fechado, recém buscou um casaco no quarto, estava começando a esfriar no Alegrete.

Entre alguns chiados... Ah! Acho que a rádio está fora do ar, deve ter faltado luz. Pronto, acha a estação certa, ela regula a régua na frequência 590 AM. Faz dias que não conseguia ouvir o Mensageiro por que o rádio estava estragado. Hoje em dia é bem difícil achar quem conserte. Quando se deram conta, o relógio pendurado acima da televisão marca uma da tarde.

Nos estúdios da rádio Alegrete, João Ulisses de Souza além de apresentar o Mensageiro Rural é atual diretor da rádio Alegrete. Com a correria do dia-a-dia e as inovações tecnológicas ao longo dos anos, fizeram com o Mensageiro mudasse sua postura, mas não a essência. Os avisos pitorescos não aparecem com tanta frequência, dizem que o celular que mudou bastante, mas o importante é que ele está ali, ocupa o mesmo espaço, no mesmo horário, há 68 anos.

Entre um homem que se oferece para trabalhar como peão caseiro, ou a senhora que anuncia que procura emprego como cozinheira, a essência dos avisos se mantém, como ponte entre o rural e o urbano. João Ulisses trabalha na Alegrete há 37 anos, como gerente são duas décadas. Acompanhou as mudanças no Mensageiro, há dois anos apresenta diariamente o programa.

- O celular mudou um pouco o perfil do programa, o que tem mais é o lado comercial, convite para rodeio, para missa. A gente tem um carinho muito grande por ele por isso, procura manter o horário – e destaca - Enquanto eu estiver aqui na rádio, o Mensageiro ainda estará no ar - declara João Ulisses.

Uma da tarde avisa o despertador do celular. O sol começa a brilhar, porém ainda tímido recém o inverno está findando e a primavera vem dar seus primeiros acordes na Santa Maria da Boca do Monte, como é conhecida a cidade que fica no centro do estado. Todo ano acolhe milhares de estudantes das mais variadas áreas do conhecimento. Com seus morros e paisagens acidentadas, é povoada por jovens que vieram em busca da formação profissional.

Apesar de ter adquirido contornos maiores e uma população de 300 mil habitantes, tem características fundamentais de uma cidade de interior, as pessoas se conhecem. Tem a padaria do seu João na esquina, o mercado do seu Trevisan ali na metade da quadra, quem

passa pelo Coríntias nota senhores pilchados e suas famílias esperando o ônibus com as sacolas do rancho do mês

Ajeito os postigos da janela para que não dê reflexo na tela do computador. Apressadamente abro o notebook, e sento à mesa de estudos. Mais uma tarde de escrita, enquanto ouço o Mensageiro Rural. A internet demora a conectar, ontem choveu em todo o estado, e a conexão não está das melhores.

Digito o site da Rádio Alegrete, e o player informa que está carregando... mais uns segundos. Enquanto isso cevo um mate para acompanhar os estudos dessa tarde. Pronto, consigo ouvir a voz do locutor.

- Agora são 13:00 horas e está começando mais um Mensageiro Rural no Alegrete...

5 ANÁLISE DO PRODUTO

O hábito de ouvir o rádio todas as manhãs e no horário do almoço foi naturalizado pelos moradores da região da fronteira oeste do RS. A necessidade de saber o que está acontecendo ao seu redor é um costume da maioria dos habitantes. Por exemplo, os convites, quem estava para chegar na campanha, alguém que estava doente, ou outro que já havia melhorado, são situações comumente presentes nos avisos do programa Mensageiro Rural. Por fazer parte de meu cotidiano, como natural da cidade de Alegrete, tive a motivação de fazer um trabalho que trouxesse à tona essa temática relacionando o rádio com a vida do fronteiriço. Além da necessidade de registrar todas essas histórias presentes na vida dos moradores, transmitidas apenas oralmente, através da construção de uma biografia de curta-duração do programa de rádio.

Ao revisar o estado da arte, sobre a produção radiofônica informativa e principalmente sobre integração entre a cidade e a comunicação voltada para o campo, observo que ainda é um campo incipiente em pesquisas nesse tema. Através de pesquisas documentais no Arquivo Histórico Municipal Miguel Jacques Trindade, em Alegrete, foi possível identificar, que existem poucos registros, documentos ou notícias de jornais especificamente sobre a Rádio Alegrete. Encontrei os arquivos do jornal A Gazeta do Alegrete, o mais antigo do país, com 132 anos, que serviram como base para encontrar dados demográficos, anúncios e notícias que circularam na época da fundação da Rádio Alegrete, bem como o que foi fato ao longo desses anos.

As histórias que envolvem o programa como os avisos de encomendas enviadas da cidade, ou alguém que estava chegando e era para esperar na porteira, são fatos que pouco ouvimos falar nas grandes cidades. Além disso, os estudos dentro da área de rádio e jornalismo no meio rural pode-se notar que a maioria não tem a preocupação em trazer o relato dos ouvintes, as suas afinidades e relações com os programas de rádio. A curiosidade sobre a história do programa e as relações dos ouvintes com ele, se tornou a principal motivação desta pesquisa.

Neste trabalho, para a escrita da biografia de curta-duração do Programa Mensageiro Rural, o estilo Jornalismo Literário, foi escolhido por primar pela humanização dos relatos. Mesmo que o perfil seja de um programa de rádio, o foco é nas pessoas que compõem esse cenário, a rotina diária dos apresentadores, bem como seus gestos, suas vozes, seus gostos, o lugar que elas habitam. Pessoas às quais foram responsáveis pelo programa estar no ar durante

as sete décadas. A literatura empresta ao jornalismo o jeito de contar histórias, que segundo Lima (2014), o estilo jornalismo literário nada mais é que contar histórias, o escritor tem cuidado em retratar e iluminar as coisas mais comuns do cotidiano.

A reflexão teórica deste produto surgiu da inquietação da autora ao ler um trecho da Revista Biblioteca Entre Livros em que Sérgio Vilas-Boas afirma que perfil pode ser somente de pessoas.

Através da elaboração deste produto experimental ficou expresso que é possível traçar perfis de coisas inanimadas, como um programa de rádio, por exemplo, pois ele também é construído por pessoas, envolve seres humanos em sua base. O termo biografia de curta-duração, do original *short-form biography* (WEINBERG, 1992) foi escolhido por expressar o tipo de trabalho realizado, assemelhando-se ao perfil, porém com maior profundidade no período de tempo retratado na narrativa.

Na etapa da apuração, foi utilizada a entrevista em História Oral, um método bastante difundido na História, mas que é utilizado por diferentes campos de conhecimento, como a Sociologia por exemplo. Segundo Meihy (2005) a história oral pode ser definida como um processo sistêmico de uso de depoimentos gravados, convertidos do meio oral para o escrito, com o fim de promover o registro e uso de entrevistas.

Como registro de experiências de pessoas vivas, expressão legítima do 'tempo presente', a história oral deve responder a um sentido de utilidade prática, pública e imediata. Isso não quer dizer que ela se esgote no momento de sua apreensão e da eventual análise das entrevistas, ou mesmo no do estabelecimento de um texto. (MEIHY, 2005, P.18)

Meihy ressalta que a matéria essencial da História Oral é a humanização das percepções, ou seja, a memória que as pessoas têm sobre determinado fato, e nesse caso, sobre o programa de rádio, nada mais é do que transpassar para a reportagem o relato humanizado. Deste modo, buscou-se a impressão dos ouvintes e apresentadores sobre eventos do passado, e do presente cotidiano de cada um.

Para a execução dessa metodologia, é necessário levar em conta vários aspectos, como por exemplo, o tempo de duração de cada entrevista, se será gravado em algum dispositivo como gravador. É preciso um planejamento das ações. Todos esses aspectos citados variam de acordo com a temática e com a relação que o jornalista terá com a sua fonte.

A utilização da entrevista aberta, prezando pelo diálogo, uma maneira de entrevistar sem questionários pré-estabelecidos, e ressaltando a importância do entrevistado, é defendido por MEDINA (1995).

Sua maior ou menor *comunicação* está diretamente relacionada com a humanização do contato interativo: quando, em um desses raros momentos, ambos – entrevistado e entrevistador – saem “alterados” do encontro, a técnica foi ultrapassada pela “intimidade” entre o EU e o TU. Tanto um como outro se modificaram, alguma coisa aconteceu que os perturbou, fez-se luz em certo conceito ou comportamento, elucidou-se determinada autocompreensão ou compreensão do mundo. Ou seja, realizou-se o Diálogo Possível. P.7

Além disso, utilizo o celular como gravador, pois assim as pessoas sentiram-se mais desinibidas por ser um objeto cotidiano delas. Apenas avisava que estava gravando e deixava o celular em um local não aparente, para que assim o entrevistado se sentisse a vontade e seguisse o relato, como se não estivesse sendo gravado. Prefiro utilizar esse método por observar que com o uso dele as pessoas se sentem mais confortáveis, diferente do gravador que por vezes tira o foco da entrevista.

Por fim, a finalidade principal de utilizar essa metodologia é que através dela é possível deixar registrado uma história que antes não tinha sido escrita, ou que não houve a preocupação em retratá-la. Desse modo, é possível “o preenchimento de lacunas existentes nos documentos escritos, e assim, prestar serviços à comunidade científica através da socialização de seu produto.”(MEIHY, p.95).

As fontes selecionadas para compor o trabalho foram classificadas em duas modalidades para fins de organização da autora: ouvintes e apresentadores. Os primeiros foram escolhidos aleatoriamente e com base na experiência pessoal da autora, os segundos foram todos entrevistados, além da família e pessoas próximas dos já falecidos. Assim procurou-se não apenas entrevistar várias pessoas, de diferentes faixas etárias para um determinado fim, mas aprofundar os relatos e fazer com que através disso fosse possível registrar em meio impresso as histórias que envolvem o Mensageiro Rural.

A partir da realização do trabalho, foi possível deixar registrado uma história que antes não tinha sido escrita, ou que não houve a preocupação em retratá-la. Desse modo, é possível “o preenchimento de lacunas existentes nos documentos escritos, e assim, prestar serviços à comunidade científica através da socialização de seu produto.” (MEIHY, p.95).

A utilização da entrevista aberta, prezando pelo diálogo, uma maneira de entrevistar sem questionários pré-estabelecidos, e ressaltando a importância do entrevistado, é defendido por MEDINA (1995).

Sua maior ou menor *comunicação* está diretamente relacionada com a humanização do contato interativo: quando, em um desses raros momentos, ambos – entrevistado e entrevistador – saem “alterados” do encontro, a técnica foi ultrapassada pela “intimidade” entre o EU e o TU. Tanto um como outro se modificaram, alguma coisa aconteceu que os perturbou, fez-se luz em certo conceito ou comportamento, elucidou-se determinada autocompreensão ou compreensão do mundo. Ou seja, realizou-se o Diálogo Possível. (MEDINA, 1995, P.7)

Devido ao meu deslocamento de Santa Maria à Alegrete, procurei marcar as entrevistas com antecedência, porém, uma das fontes, no caso o primeiro diretor da rádio Alegrete teve várias exigências, entre elas, mandar os questionamentos por e-mail. Como a metodologia que utilizo não estabelece um roteiro de perguntas foi bastante difícil formulá-las, mas ainda assim enviei algumas questões, e não obtive resposta da fonte. Além disso, esse senhor não estava disponível em todas as vezes que estive na cidade para entrevistá-lo.

As entrevistas foram realizadas em Alegrete, exceto uma em que a fonte reside em Santa Maria, no período de abril de 2015 a outubro de 2015. Os apresentadores foram entrevistados em seus respectivos locais de trabalho, e as demais fontes concederam entrevista em suas casas.

Para a escrita da biografia de curta-duração alguns aspectos do Jornalismo Literário pontuados por Tom Wolfe, foram seguidos pela autora. Um deles é a construção do texto cena-a-cena, que consiste em contar a história narrando as ações dos personagens, recorrendo o mínimo possível à mera narrativa histórica. (WOLFE, 2005, p.53) Através desse recurso é possível inserir o leitor na cena. Na primeira página, quando inicia a narrativa, observa-se esse tipo de recurso:

Uma hora em ponto marca o relógio pendurado na cozinha estreita, com uma janela de vidros crespos. Mesmo assim, cabe um balcão-pia branco, e uma mesa não muito comprida de cor igual. No apoio da janela, alguns cactos recebem luz.

Enquanto lava as últimas louças do almoço, a senhora de voz tênue, mede aproximadamente 1,60 cm, veste um casaco escuro, pois esfriou depois da chuva. Calmamente procura o rádio que deve estar no lugar de sempre. Nada de botões digitais, é aquele velho aparelho eletrônico, retangular, de cor cinza, que tem a régua para sintonizar. Comprado há muito tempo, talvez em alguma viagem a Libres na fronteira. Na estante de madeira restaurada, com a porta colorida de laranja, fica a televisão de tela plana, muito diferente dos

largos televisores, enormes trambolhos de antes, ao lado, está o fiel companheiro de alguns janeiros.

Outro recurso apontado por Tom Wolfe é o uso de diálogos completos, na biografia de curta-duração sobre o Mensageiro Rural, por tratar-se de um tema que está presente na oralidade dos moradores de Alegrete, se faz importante o registro dos diálogos, para imprimir um efeito de aproximação com o real, e registrar por escrito o que é comumente presente na vida dos entrevistados. Wolfe traz o conceito do diálogo realista (WOLFE, 2005, p.54), que envolve o leitor mais completamente que qualquer outro recurso, além de definir o personagem mais depressa, pois, é através do jeito que ele fala, e que será transcrito no trabalho, será possível saber mais detalhes sobre a personalidade de cada um. No trabalho foi utilizada a criação de diálogos, na cena em que José Augusto Ferrari e Cabeto conversam:

- Bicho, aqui é o José Augusto.

- E aí tudo bem, que que manda?

- Tchê me avisa aí que eu to com um problema. A cozinheira da estância adoeceu, mas que o pessoal não se preocupe que eu to mandando o almoço e a janta de hoje pelo fax.

[...]

E coloquei no outro dia de novo.

- Ó, o Mensageiro Rural avisa que José Augusto Ferrari que o almoço hoje vai pelo fax, a cozinheira ainda não melhorou está acamada.

Sábado ele me telefona:

- Bicho! É o José Augusto.

- Que tu quer chê? O pessoal quer saber que história é essa desse tal do fax.

- Eu vou aí hoje.

- Tudo bem, vou te esperar.

[...]

- Agora tu vai explicar ao vivo, como que tu vai mandar a bóia pelo fax - diz Cabeto, e passa o microfone ao José Augusto.

- Boa tarde pessoal, eu quero avisar pra vocês, que hoje, por exemplo, ao meio dia a comida foi pelo fax e de noite não vai precisar – pausa propositalmente e continua - Mas quero dizer pra vocês o seguinte: que o fax que eu to mandando a comida é o apelido do filho do meu capataz. É um rapaz que leva a comida pros empregados.

A partir da utilização desse recurso, no trecho acima podemos observar expressões como “che”, “que que manda” e “bóia”, frequentes na linguagem coloquial.

Outro recurso utilizado foi a descrição, que se configura como parte importante do projeto, pois situa o leitor dentro da narrativa e indica como aconteceu a evolução do programa ao longo do tempo. Através de alguns objetos e disposição dos móveis de uma sala, por exemplo, é possível entender o padrão de comportamento e as posses por meio das quais a pessoa expressa sua posição no mundo, ou o que ela pensa que é seu padrão de vida ou gostaria que fosse. (WOLFE, 2005, p.55). No trecho em que aparece o gaúcho que trabalha no campo, pode-se observar o emprego desse recurso, além de mostrar suas características:

Em meio a esse cenário existe o homem do campo. Um personagem que atravessa gerações e foi adotado como modelo por muitos gaúchos e instituições que promovem a cultura desse lugar. Um tipo físico nem sempre vestido de bota de couro e bombacha, como retratado pela história oficial. Mas com roupas confortáveis para a lida nas lavouras de arroz e de soja, principais produtos da região, e na lida do gado. A camisa arremangada, um pouco desalinhada, já poída de várias lavagens. A calça tem um leve rasgado perto da canela, ao passar pelo espinilho na beira da sanga ficou enredado. O que importa mesmo para esse gaúcho é o sustento da sua família.

Na sequência do trecho acima, na mesma página, há outro exemplo em que é possível situar o leitor, explicando como o homem trabalha, e em que local se passa a narrativa:

Meio dia e o sol já está tinindo. Desconfiado, Everaldo olha para o relógio no pulso e confirma a hora, os ponteiros marcam que está na hora de seguir rumo a casa. Um descanso para a lida diária na taipa da lavoura. Ontem choveu, e quando se planta arroz é preciso refazer as taipas para que a água não

desmanche as mudas recém-nascidas. O homem de tez morena, jeito sossegado e pacato de levar a vida, muito comum dos moradores da campanha, tem gestos que trazem certa rudez e simplicidade. O relógio-despertador da sala marca uma hora da tarde, ele pede que as crianças que brincam de esconde-esconde em volta da casa de madeira pintada, cuidadosamente de branco, parem com o barulho.

Um recurso não exclui o outro, e podem ser empregados simultaneamente nos trabalhos em estilo Jornalismo Literário. Como no trecho abaixo, ao descrever os dois ex-apresentadores já falecidos, e suas características pessoais é possível reconstruir a figura dos dois, além de construir a cena em que está um de cada lado da mesa iniciando as transmissões do programa:

Do lado direito da mesa está sentado um homem grande, moreno, de cabelos crespos, de presença inconfundível. É bem gritão, um tipo comunicativo, impossível não ser notado por onde passava, conhecia meio Alegrete. Seu jeito lembra muito o das pessoas que moram no interior, acostumadas a falar alto. Auri Severo Dornelles gostava de tocar flauta nos amigos, principalmente em dia de Grenal. Entre um aviso e outro, sempre tinha que expor seu comentário, não podia ser lido a seco. Por sua destacada popularidade chegou a apresentar um programa de auditório no extinto Cine Continente, conhecido como pulguedo.

No outro lado, está Rafael Villar Rios, conhecido por Faeco, de estatura mais baixa que o colega, igualmente ostenta o vozeirão característico dos homens que trabalham no rádio. Suas características pessoais são completamente opostas à do companheiro. Bem mais reservado que o colega, sua voz é calma e plácida fala pausadamente. Usa óculos de armação fina que combina com os traços de seu rosto, não era de grandes auês.

É importante observar que a narrativa foi escrita no presente, mesmo se tratando do pretérito, essa escolha foi realizada para imprimir ação na narrativa, sem recorrer a mera descrição histórica e cronológica.

Mesmo com a crescente vinda do homem do campo para a cidade, principalmente na década de 80, devido à mecanização da agricultura, e a queda da mão de obra, o Mensageiro

Rural, ainda é apresentado ao vivo até hoje, e serve como forma de mandar algum comunicado para alguém. Na região da fronteira oeste do RS, nota-se a escassez de noticiários que dizem respeito inteiramente ao local. O próprio meio de comunicação rádio, tem como função básica se aproximar do ouvinte, de acordo com Ferrareto (2001):

Tanto a influência externa quanto interna sofrem adaptações à realidade regional, uma vez que o rádio tem extremo potencial comunitário. Embora possa parecer dicotômico, este veículo de comunicação de massa é também aquele que mais diminui distâncias. (FERRARETO, 2001, p.19)

A partir desse trabalho, fica claro que o mensageiro rural e o rádio nas cidades de interior ainda são prestigiados por grande parte da audiência. O eixo principal que norteou a autora durante a elaboração do produto experimental foi descobrir por que o programa ainda está no ar, após 68 anos desde a sua estreia. A justificativa encontrada após o término do produto é que as pessoas o tratam com carinho, há envolvimento com o programa, assim como com o rádio, o típico e preferido meio de comunicação dos moradores do interior do estado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com este projeto experimental, foi possível explorar o estilo Jornalismo Literário para contar histórias mais humanizadas, trazendo a voz das pessoas que participaram dos 68 anos de trajetória do Mensageiro Rural.

A falta de documentos escritos e sonoros, como entrevistas e programas radiofônicos é um fato que exige atenção por parte não só de historiadores, mas de jornalistas também. São quase sete décadas de Mensageiro Rural, e há pouca coisa escrita sobre esse programa muito importante na vida dos alegretenses, devido a isso este trabalho preenche uma lacuna existente.

Através da construção deste produto experimental, visa-se que ele sirva como memória escrita de um programa que é tão recorrente aos moradores de Alegrete, mas por outro lado, ainda desconhecido para tantas outras pessoas. Como pontua Lima (2010), “é papel do jornalismo literário iluminar essa percepção ampliada que geralmente perdemos, no mundo agitado de nossos dias.” (LIMA, 2010, p. 28) Através da elaboração do trabalho, com a coleta de dados, e entrevistas com ouvintes, pretendeu-se resgatar histórias que foram difundidas pelas ondas sonoras do rádio.

Por fim, este trabalho busca apresentar a proposta que pode ser seguida por futuros jornalistas de construir perfis de cidades, ruas, e por que não de outros programas de rádio.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIBLIOTECA ENTRELIVROS. São Paulo: Duetto. Ed. 11, 2008.

BORDENAVE, Juan Díaz. **O que é Comunicação Rural**. 3ª. ed. São Paulo, SP : Brasiliense, 1988. 104 p.

BULHÕES, Marcelo M. **Jornalismo e literatura em convergência**. 1ª Ed. São Paulo: Ática, 2007. 202 p.

CHILLÓN, Albert. **Literatura y periodismo: una tradición de relaciones promiscuas**. Bellaterra: Universitat Autònoma de Barcelona, 1999.

COIMBRA, Oswaldo. **O texto da reportagem impressa**. São Paulo: Ática, 1993.

ECO, Umberto. **Como se faz uma tese**. 23ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 2010.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio :O veículo, a história e a técnica**. 3.ed. Porto Alegre: Doravante, 2007. 378p.

_____. Pesquisa a respeito do rádio e de outros meios sonoros no século 21: das transformações na natureza do meio e de seus congêneres aos seus usos no contexto da convergência digital. In: **Rádio Leituras**. Mariana, n. 1, 2010. Disponível em: <www.radioleituras.wordpress.com>. Acesso em 31 out. 2014.

_____. Os 60 anos das Emissoras Reunidas, de Arnaldo Ballvé. **Caros Ouvintes**, 04 abr. 2006. Disponível em: <<http://www.carosouvintes.org.br/os-60-anos-das-emissoras-reunidas-de-arnaldo-ballve/>>. Acesso em 10 de jul. de 2015.

_____. Rede da Legalidade: do porão do Palácio Piratini para o Brasil. **Uma história do Rádio no Rio Grande do Sul**, 2006. Disponível em: <<http://www.radionors.jor.br/2014/03/rede-da-legalidade-do-porao-do-palacio.html>> Acesso em: 5 out. 2015.

_____. O sucesso popular de Teixeira. **Uma história do Rádio no Rio Grande do Sul**, 2006. Disponível em: <<http://www.radionors.jor.br/2014/03/o-sucesso-popular-de-teixeirinha-2006.html>> Acessado em 5 out. 2015.

HAGUETTE, Teresa M. F. Segunda Parte. Metodologias qualitativas. In: _____. **Metodologias Qualitativas na Sociologia**. Petrópolis: Vozes, 1992. P.63-105.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. O Brasil por município. Disponível em: <cod.ibge.gov.br/232PJ>. Acesso em: 17 de Nov.2014.

KOTSCHO, Ricardo. **A prática da reportagem**. 3ª Ed. São Paulo: Ática, 1995.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. 4ª Ed. Barueri, SP: Manole, 2009.

_____. **Jornalismo Literário para iniciantes.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2014. 104p.

LIMA, Edvaldo Pereira. Há acomodação do modelo hard News, diz professor sobre o jornalismo literário no País. [Entrevista disponibilizada em 18 de março de 2013, a Internet]. Disponível em: <<http://www.portalimprensa.com.br/noticias/brasil/57435/ha+acomodacao+do+modelo+hard+news+diz+professor+sobre+o+jornalismo+literario+no+pais>>. Entrevista concedida a Guilherme Sardas. Acesso em: 25 set. 2015.

MEIHY, José Carlos S.B. **Manual da História Oral.** 5ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2005.291p.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista: O diálogo possível.** 3ª Ed. São Paulo: Ática. 1995.

ORTRIWANO, G. S. **A informação no rádio** – os grupos de poder e a determinação dos conteúdos. São Paulo: Summus, 1985.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário.** 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2011.139p.

RODRIGUES, Luiz Odilom Pereira. **Esbarrada Final.** 1 ed. Porto Alegre: Age, 2004.

SODRÉ, Muniz; FERRARI, Maria Helena. **Técnica de reportagem:** notas sobre a narrativa jornalística. 7ª ed. São Paulo: Summus, 1986. 141p.

THOMPSON, P. A entrevista. In: _____. *A voz do passado: história oral.* São Paulo: Paz e Terra, 1988. p.254-279.

VILAS BOAS, Sérgio. **Perfis e como escrevê-los.** São Paulo: Summus, 2003.

_____. **Biografias & Biógrafos:** jornalismo sobre personagens. São Paulo: Summus, 2002.

WEBER, A. F.; DÉVENS, P. O rádio no meio rural: consumo de programas radiofônicos rurais por agricultores do Rio Grande do Sul. In: **Rádio Leituras.** Mariana, n. 1, 2010. Disponível em: <www.radioleituras.wordpress.com>. Acesso em 25 set. 2014.

WEINBERG, Steve. Chapter Five. Short-Form Biography: The Art of the Periodical Profile. In: _____. **Telling the untold story:** How investigative reporters are changing the craft of biography. Columbia: University of Missouri Press, 1992.

WOLFE, Tom. **Radical Chique e o Novo Jornalismo.** São Paulo: Companhia das Letras, 2005.